

# Sociedade paga pela tolerância ao álcool

País gasta cerca de 7,3% do PIB com os danos causados pela bebida Página central



**HÁ QUARENTA ANOS, A ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE CLASSIFICOU O ALCOOLISMO COMO DOENÇA HOJE, ELA JÁ É A TERCEIRA MAIOR CAUSA DE MORTE NO BRASIL**

LUCIA SIMON/PROJETO CONTATO

Enquanto os impostos arrecadados com as bebidas alcoólicas geram aproximadamente 3,5% do Produto Interno Bruto brasileiro, os prejuízos derivados do álcool custam ao país mais que o dobro disso. O déficit entre a arrecadação e o gasto gira em torno de 60 bilhões de reais. O orçamento do Sistema Único de Saúde corresponde somente à metade deste montante.

Raquel De Boni, fonte da reportagem de página central, ressalta a importância de avaliar a quantidade de dinheiro que o país gasta com os efeitos do álcool. A psiquiatra integrante do Centro de

Pesquisa em Álcool e Drogas do Hospital de Clínicas de Porto Alegre estuda as relações entre álcool e trânsito. Ela cita estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada apontando que no ano passado o consumo de álcool gerou um dano à sociedade brasileira de 24 bilhões de reais, relacionado somente a acidentes de trânsito em rodovias.

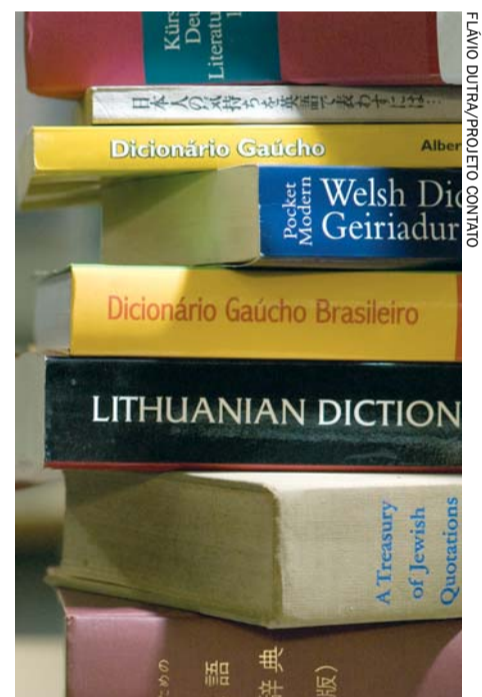
Um dos grandes problemas levantados pela médica é a permissividade presente no Brasil quanto ao consumo de álcool, principalmente por parte da população jovem. Na sua opinião,

é preciso uma boa regulamentação sobre a publicidade. Quanto à restrição dos horários para a comercialização, Raquel acredita que é necessário um trabalho em diversas frentes. O vereador Claudio Sebenelo, que propôs a "Lei Seca" na capital, prevê medidas interligadas em seu projeto. Em entrevista, o político diz que as autoridades não podem cruzar os braços diante dos índices crescentes de mortalidade. Sebenelo defende que esta iniciativa, aliada à ostensiva fiscalização, diminuirá as perdas de vida pela violência e nos acidentes de trânsito.

## A luta pela diversidade lingüística na era da globalização

A Câmara dos Deputados promove, no final deste mês, uma audiência pública sobre a diversidade lingüística brasileira. Para especialistas no ensino de línguas estrangeiras no país, as línguas dos imigrantes não deveriam ser consideradas como estrangeiras, mas como patrimônio cultural. Os pesquisadores que se reuniram no I Fórum Internacional da Diversidade Lingüística, realizado em julho no Campus Centro da UFRGS, as políticas educacionais brasileiras ainda não respeitam as diferenças. Por outro lado, a professora Éda Heloísa Pilla, do Instituto de Letras, diz que a adoção de palavras em inglês dificulta a comunicação, por não se adaptarem ao nosso sistema fonológico, empobrecendo nossa língua.

**Páginas 10 e 13**



FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

### campus

## UFRGS investe no intercâmbio de estudantes

Desde o início deste semestre, a Universidade tem 180 novos estudantes estrangeiros, nos níveis de graduação e pós-graduação, vindos de países tão diferentes quanto o Congo e a Alemanha. Entusiasmados com a oportunidade de estudar no Brasil, jovens como Ernesto Nunes, de Guiné-Bissau, e Fehri Mahmood, dos Estados Unidos, falam de suas experiências e dificuldades e contam por que escolheram a UFRGS. **Página 7**

## Infância Reportagem registra que brincar ainda é coisa de criança Página 5



**artigo** Reflexão sobre os feriados cívicos na democracia **Página 2**

**debates** A Internet e a revolução na maneira de ouvir música **Página 4**



## Cartas

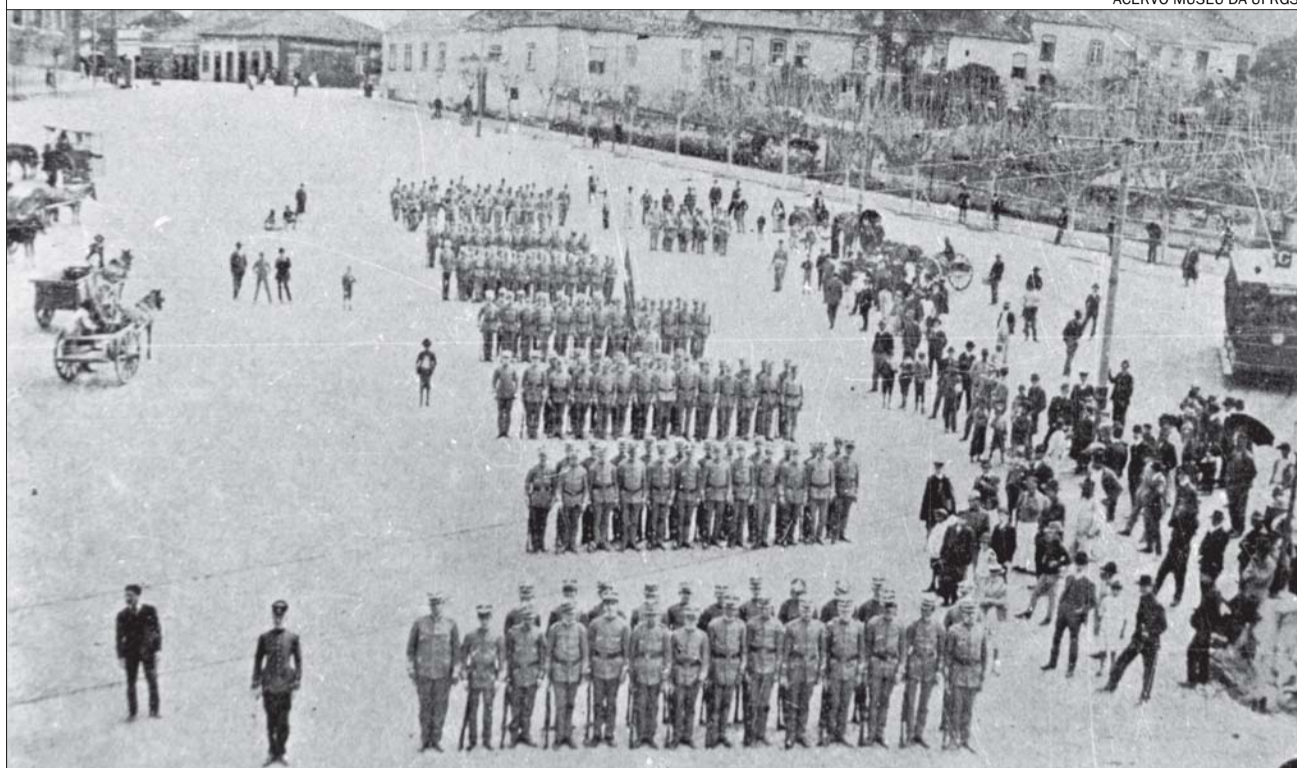
A coordenação, professores, monitores e jovens participantes do Projeto Navegar da Esf agradecem ao Jornal da nossa Universidade pela excelente reportagem sobre o projeto. É uma alegria muito grande ver nosso trabalho reconhecido e divulgado para a comunidade universitária. Em função da reportagem (publicada na edição de junho), já recebemos inclusive a doação de três barcos para o projeto. A matéria é um forte agente motivador na busca de uma interação cada vez maior com a comunidade, beneficiando não só os jovens das escolas públicas, como também nossos estudantes, a medida que abrimos mais espaços para que vivenciem experiências práticas de ensino.

**Prof. Ricardo Petersen**  
Coordenador-geral do Projeto Navegar

Leio o JU e aprecio todos os artigos, notícias e opiniões, mas quero colaborar com uma necessária correção: a fotografia que está na página dois da edição de julho, nº 101 não se refere ao descrito. Conhecedor do Campus do Vale, há 30 anos, afirmo com toda a certeza que a foto é do Bloco III e foi tirada de um antigo mirante localizado quase no alto da atual escada de acesso ao Bloco IV sobre uns rochedos ali existentes. Vê-se no alto acima dos prédios o IPH e à esquerda o bairro Jardim Universitário do qual sou morador. Outra correção é a de que os Institutos de Biociências estão localizados no Bloco IV com a exceção do Departamento de Genética, que está no Bloco III, no segundo prédio (em esqueleto na foto) da esquerda para a direita. Saliento também que está começando a troca da nomenclatura de bloco para setor aqui no Campus do Vale. Um abraço a todos.

**Canisio Alberto Frantz**  
Servidor da Prefeitura do Campus do Vale

## Memória da UFRGS



Alunos da Escola Estadual Júlio de Castilhos durante apresentação pública nas ruas de Porto Alegre, na primeira metade do século passado. A instituição é lembrada como a melhor do estado pelo psiquiatra Ellis Busnello, entrevistado do Perfil nesta edição

## Espaço da Reitoria

## A Extensão na UFRGS Compromisso com a comunidade

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mais uma vez, demonstrou o quanto é rica, permanente e profunda sua interação com a comunidade.

A realização do 8º Salão de Extensão, além de reafirmar uma iniciativa consolidada, deu-nos a oportunidade de conviver com diversos grupos sociais organizados e escolas que trouxeram cerca de mil estudantes para visitar os estandes e participar de brincadeiras realizadas no Espaço Lúdico

Infantil instalado na Sala Fahren. A participação efetiva dos professores e alunos extensionistas que contabilizaram mais de 600 pessoas presentes nas 39 oficinas realizadas, 207 apresentações de alunos em comunicação oral e 130 alunos expositores em pôsteres, permitiu que toda a comunidade interna e também os visitantes conhecessem um pouco mais das ações de extensão através de oito estandes de projetos que foram instalados no Salão de Festas com a mostra dos produtos e a possibilidade de

contato direto com os envolvidos nestas atividades.

Acreditamos que assim como as discussões sobre o tema proposto – neste ano, a Sustentabilidade –, o grande legado deixado pelos Salões de Extensão é o fato de que a publicização de seus projetos e atividades incentiva a cada edição mais e mais pessoas a se engajarem nas atividades de extensão de nossa Universidade.

Parabéns!

**José Carlos Ferraz Hennemann**  
Reitor

## Artigo

## Feriados cívicos: a história da devoção à identidade nacional

Os feriados cívicos tiveram origem na separação Igreja-Estado, resultante dos processos desencadeados a partir da Revolução Francesa de 1789. Até o final do século XVIII comemoravam-se os eventos religiosos ou, no máximo, aqueles relacionados ao poder absoluto dos reis ou dinastias. Também o conceito de passar um dia sem trabalhar, com exceção do domingo que tem historicamente uma significação religiosa, somente adquire sentido a partir da industrialização, do advento do capitalismo e da luta dos trabalhadores pela garantia de folgas remuneradas.

A burguesia em ascensão descobriu a mobilização emocional e o efeito positivo que as celebrações cívicas desempenhavam. Louvar a independência, a república ou a revolução, processos que transformaram aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais das sociedades em questão, tem como objetivo enaltecer a identidade nacional. Nesse sentido, até o advento das nações modernas, dotadas de um território, língua, religião e aspectos histórico-culturais comuns, os objetos de adoração e identificação dos povos eram a religião ou o poder despótico dos reis.

Mas, como a nação, diferentemente da religião ou dos monarcas absolutistas, não cobra um preço alto pela não-devoção, o “convencimento” da importância das datas cívicas deverá ser muito maior do que aquele que era utilizado para adesão aos feitos dos reis ou dos santos.



Pensadores iluministas, liberais ou positivistas estimularam a “religiosidade civil”, fenômeno que forneceu as bases para o culto aos homens comuns que de algum modo tivessem contribuído para instauração de transformações sociais ou políticas que merecessem lembrança.

Em pelo menos dois momentos da história brasileira, a adesão aos eventos cívicos tornou-

se obrigatória e permeada por instrumentos coercitivos: na ditadura de Vargas, o chamado Estado Novo, e durante a ditadura de Segurança Nacional, a partir de 1964. Os feriados nacionais eram então veículos de propaganda dos regimes ditatoriais e tinham como objetivos a integração popular ao discurso oficial, servindo para divulgar uma versão da história nacio-

nal condizente com os grupos sociais que estavam no poder. Por isso, “marchar no Sete de Setembro” ou assistir o discurso de Vargas nas “comemorações do Primeiro de Maio” eram atividades compulsórias para as escolas e repartições públicas.

Nos períodos democráticos, abre-se espaço para as disputas em torno da construção da história dos eventos nacionais. O célebre questionamento “Final, o que estamos comemorando?” passa a fazer parte dos debates na imprensa e na escola, sobretudo no ensino superior. Também se torna comum a disputa em torno das datas (comemorar a abolição da escravidão, no 13 de maio, ou o dia nacional da consciência negra, em 20 de novembro?) ou em torno de nomes (Colombo ou Cabral, Tiradentes ou D. Pedro I, Princesa Isabel ou Zumbi dos Palmares?). Esses debates contagiam a sociedade que passa a se interessar mais pela história do país e tem acesso a outras versões da independência, da proclamação da república, da revolução, ou da abolição da escravidão.

Assim, ainda que aparentemente as ditaduras atraíssem mais público para as festas cívicas, é na democracia que as pessoas aderem mais livremente à nacionalidade e quando se fortalecem os sentimentos de identidade nacional.

**Claudia Wasserman**  
Professora do departamento de História



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Paulo Gama, 110  
Bairro Farróupilha, Porto Alegre – RS  
CEP 90046-900  
Fone: (51) 3308-7000  
www.ufrgs.br

**Reitor**  
José Carlos Ferraz Hennemann  
**Vice-reitor**  
Pedro Cezar Dutra Fonseca  
**Chefe de Gabinete**  
João Roberto Braga de Mello  
**Secretária de Comunicação Social**  
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação da Secretaria  
de Comunicação Social da UFRGS  
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497  
www.jornal.ufrgs.br

**Conselho Editorial**  
Antônio Sanseverino, Artur Lopes,  
Dirce Maria Antunes Suertegaray,  
Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda,  
Helen Beatriz Frota Rozados,  
Márcia Benetti Machado,  
Maria Henriqueta Luce Kruse

**Editora-chefe**  
Ânia Chala  
**Secretária de redação**  
Sandra Salgado  
**Repórteres desta edição**  
Ânia Chala, Caroline da Silva  
e Jacira Cabral da Silveira  
**Bolsista**  
Juliano Tatsch (jornalismo)  
**Projeto gráfico e diagramação**  
Juliano Bruni Pereira  
**Fotografia**  
Cadinho Andrade, Camila Ross  
e Flávio Dutra  
**Revisão**  
Ânia Chala, Caroline da Silva  
e Jacira Cabral da Silveira  
**Colaboraram nesta edição**  
Fatimarlei Lunardelli  
Marcelo Spalding  
**Circulação**  
Arthur Bloise  
**Fotolitos e impressão**  
Gráfica da UFRGS  
**Tiragem**  
12 mil exemplares

e-mail: [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br)

CAMILA ROSS



### aniversário Biblioteconomia completa 60 anos

► A Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) promove, de 22 a 26 de outubro, a semana acadêmica comemorativa aos 60 anos de criação do Curso de Biblioteconomia, fundado em 12 de setembro de 1947. A abertura será com a palestra “Ética na contemporaneidade”, com o professor Francisco das Chagas de Souza, da Universidade Federal de Santa Catarina. Durante o evento, serão lançados dois livros: *Leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação*, de Jussara Pereira Santos e *Mídia e representações da infância*, de Valdir Morigi, Rosane Rosa e Flávio Meurer. Toda a programação da semana acadêmica poder ser acessada no site [www.ufrgs.br/fabico](http://www.ufrgs.br/fabico).

### reconhecimento Pesquisa genética ganha estímulo

► A professora Ida Schwartz do Departamento de Genética da UFRGS foi agraciada pela Academia Brasileira de Ciências com o prêmio “Mulheres da Ciência”. A distinção destina-se a premiar jovens brasileiras que tenham concluído o curso de doutorado há menos de cinco anos e que venham se destacando em suas atividades. Em 2007, foram contempladas somente sete pesquisadoras no país, somadas todas as áreas de conhecimento. O prêmio consiste em um auxílio no valor de 20 mil dólares para subsidiar o desenvolvimento de projeto de pesquisa ao longo de um ano. Os recursos concedidos à professora serão utilizados para impulsionar a Rede MPS Brasil, que visa a construir uma sistema nacional de pesquisa, diagnóstico, tratamento e prevenção de um grupo de doenças genéticas.

### prêmio fapergs Professores da UFRGS homenageados

► Em 26 de setembro ocorreu a cerimônia de entrega de troféus do Prêmio Fapergs, um dos mais tradicionais no reconhecimento à pesquisa no Rio Grande do Sul. Fernando Zawislak, professor colaborador do Instituto de Física, conquistou o Prêmio Sylvio Torres pela contribuição para o desenvolvimento científico e tecnológico do estado. Na modalidade “Pesquisador Destaque”, foram premiados os professores: Ney Fialkow, do Instituto de Artes; Paulo Michel Roche, do Instituto de Biociências; Jaime Evaldo Fensterseifer, da Escola de Administração; Antonio Cezar Faria Vilela, da Escola de Engenharia; Livio Amaral, do Instituto de Física; Luigi Carro, do Instituto de Informática; Nilton Bueno Fischer, da Faculdade de Educação; Roberto Giuliani, do Instituto de Biociências; e Jefferson Cardia Simões, do Instituto de Geociências.

### divulgação “YouTube científico”

► Foi com a referência ao portal de vídeos mais popular do mundo, o YouTube, que o professor Jorge Otávio Trierweiler, da Escola de Engenharia, definiu a nova ferramenta da Universidade para a divulgação da ciência. O UFRGSWeb vai permitir que um universo maior de pessoas tenha acesso aos experimentos, ampliando assim o alcance do conhecimento científico. O portal será inaugurado durante a edição deste ano da Feira de Iniciação Científica, que ocorre de 21 a 26 de outubro, em conjunto com o Salão de Iniciação Científica e o Salão UFRGS Jovem. Com o lançamento do site, os trabalhos permanecerão disponíveis a qualquer momento e não apenas no período da exposição.

# Salão de Extensão Oitava edição discutiu sustentabilidade



FOTOS: CADINHO ANDRADE

De 24 a 27 de setembro, o 8º Salão de Extensão da UFRGS mobilizou um grande público interessado em saber mais sobre sustentabilidade.

Segundo dados da secretaria do evento, foram realizadas 39 oficinas abertas à comunidade e apresentados mais de 200 trabalhos extensionistas. O Salão teve cerca de 830 participantes inscritos, isso sem contabilizar o público que assistiu à programação cultural. Muitos integrantes da comunidade universitária, que não sabiam dos projetos de extensão desenvolvidos na UFRGS, puderam conhecer as iniciativas de diferentes setores. Um dos destaques foi a mostra interativa montada no Salão de Festas da reitoria, na qual foram exibidos, entre outros, projetos como o *Fronteiras Design*, desenvolvido pelo Núcleo de Design de Superfície do Instituto de Artes, em parceria com o Banco de Vestuário da Fundação Gaúcha dos Bancos Sociais da Fiergs; e o projeto *Economia solidária como sustentabilidade*, idealizado pelo Núcleo de

### Extensionistas foram avaliados (acima) e público infantil participou de oficinas (ao lado)

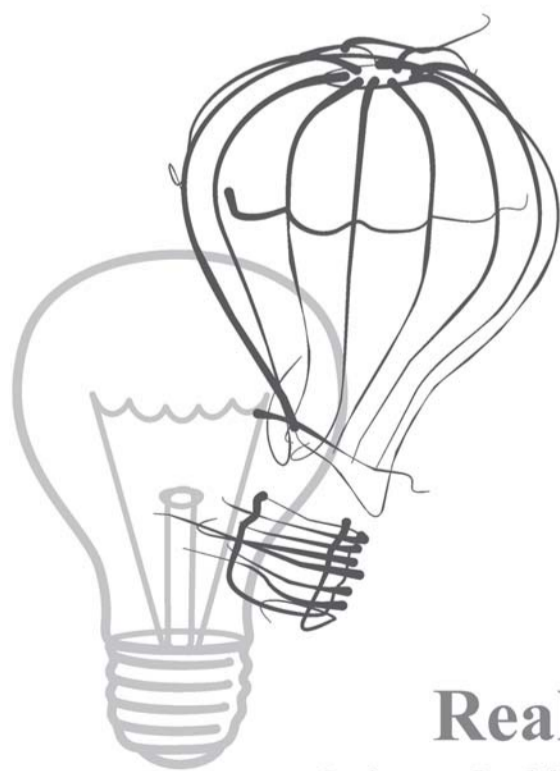
Economia Alternativa da Faculdade de Ciências Econômicas para apoiar iniciativas de grupos de empreendedores que se organizam com base na economia popular.

Na avaliação da professora Sara Viola Rodrigues, pró-reitora de Extensão, o encontro discutiu temas vitais para a questão da sustentabilidade no planeta. “Tivemos uma platéia fantástica, formada por representantes de todas as camadas da sociedade, alunos de escolas de ensino fundamental e médio, universitários, professores, representantes de outras universidades gaúchas e autoridades, todos irmanados na preocupação de produzir conhecimentos que mudarão as práticas sociais, conduzindo à sustentabilidade do planeta. Sustentabilidade que não é nada mais do que o respeito, o amor e a valorização da vida.” Sara Rodrigues salientou que a



busca do bem comum está sempre presente em todas as áreas temáticas da extensão: na cultura, nos direitos humanos e justiça, no meio ambiente e na educação. “Hoje, temos mais de 1.500 projetos registrados no Sistema de Extensão e praticamente a totalidade deles lida com questões direta ou indiretamente ligadas à sustentabilidade. É preciso melhorar rápido nossa vida no planeta e a academia tem responsabilidade nesse processo, por isso, a ciência deve estar a serviço da busca de melhores formas de viver. A extensão que fazemos na UFRGS é fundamentada em pesquisa sólida e no ensino, que desejamos seja cada vez mais relacionado com os saberes populares, que têm muito a nos ensinar”, concluiu a professora.

## XIX Salão de Iniciação Científica XVI Feira de Iniciação Científica II Salão UFRGS Jovem



Realização:  
21 a 26/10/2007  
Campus Central - UFRGS

### agronomia Pesquisa qualifica campo nativo gaúcho

► O prêmio *Futuro da Terra* do Jornal do Comércio, categoria Preservação Ambiental, foi concedido ao Departamento de Plantas Forrageiras e Agrometereologia da Faculdade de Agronomia da UFRGS, por pesquisas relativas às pastagens nativas. Entre os trabalhos do grupo merecem destaque a avaliação do potencial forrageiro das espécies nativas. Segundo o professor Carlos Nabinger, chefe-substituto do Departamento, “o prêmio foi concedido na categoria Preservação Ambiental, contrariando algumas idéias correntes de que a UFRGS, na área de agricultura em geral, desenvolve suas pesquisas apenas na ótica produtivista”. Nabinger ressalta que, no que diz respeito à utilização do Bioma Pampa, por exemplo, os trabalhos da faculdade buscam compreender os princípios básicos que determinam sua existência em função dos recursos disponíveis do meio natural (solo, clima e vegetação). “É a partir do conhecimento da flora, fauna, características do solo e, sobretudo, dos efeitos da intensidade de seu uso com animais herbívoros sobre estes componentes, que podemos recomendar práticas para sua utilização racional”, completa o pesquisador.



DIVULGAÇÃO

### medicina Cuidados especiais para doente terminal

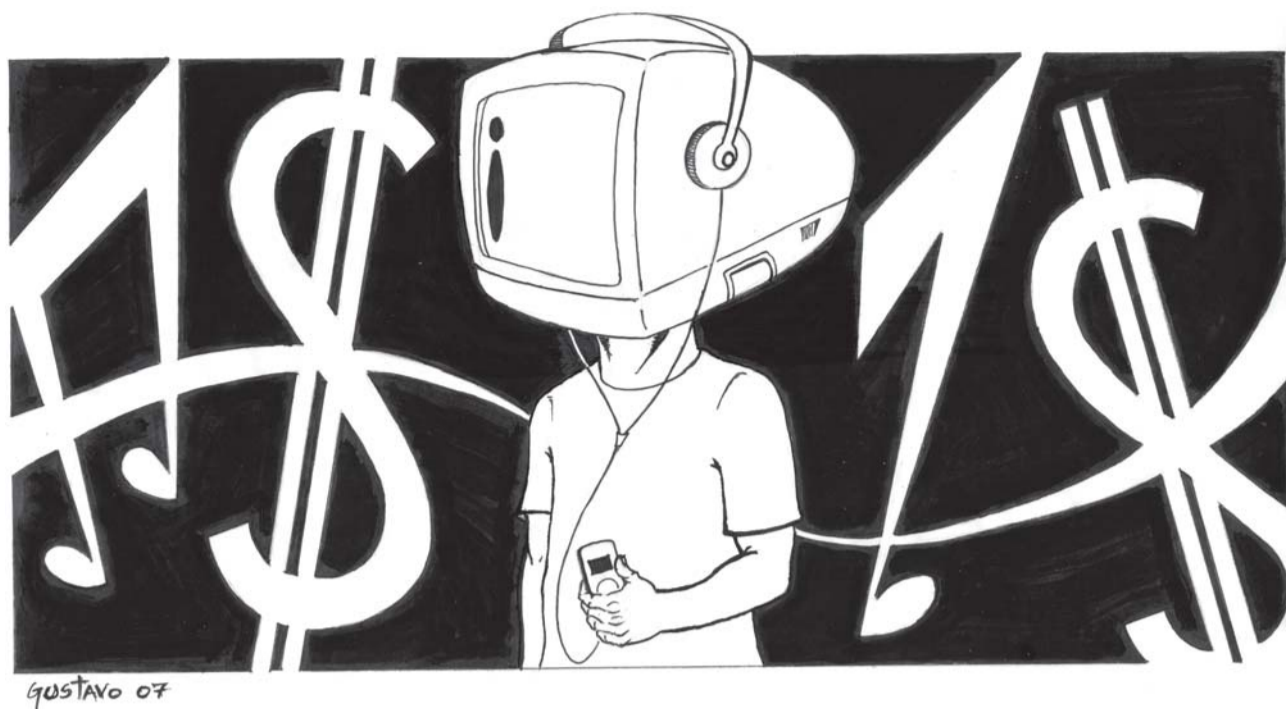
► O Hospital de Clínicas de Porto Alegre inaugurou, em setembro, o Núcleo de Cuidados Paliativos, destinado a oferecer atendimento diferenciado a pacientes em estado terminal. Na edição de março deste ano, o Jornal da Universidade tratou do assunto, quando ainda era projeto de um grupo da Escola de Enfermagem da UFRGS. O trabalho é desenvolvido no nono andar sul e os seis leitos disponíveis são destinados ao SUS. Além das enfermeiras que darão atendimento especializado, foram treinados médicos, psicólogos, nutricionistas e assistentes sociais para acompanhar também as famílias dos pacientes.

### engenharia Alunos são premiados em competição regional

► Os 14 alunos que fazem parte da Equipe Tchê da Escola de Engenharia da UFRGS foram premiados com o segundo lugar na *V Competição Dana Baja Sul*, realizada em setembro, no município de Gravataí, região metropolitana de Porto Alegre. A equipe foi responsável, desde o planejamento até a construção de um pequeno veículo, com potência e agilidade para pistas de terra e lama. Anualmente, são realizadas duas competições: uma nacional e outra regional. O grupo da Universidade tem a coordenação do professor Alberto Tamagna, diretor da Escola de Engenharia.



## A TECNOLOGIA MUDOU NOSSO JEITO DE OUVIR MÚSICA?



GUSTAVO OF

GUSTAVO RODRIGUES/INIO

Até bem pouco tempo, quem quisesse montar sua discoteca particular precisava dispor de uma boa quantia em dinheiro e de muita paciência para garimpar nas lojas especializadas. Mesmo assim, certos lançamentos levavam meses até chegarem às prateleiras e alguns sequer eram distribuídos no mercado brasileiro pela indústria fonográfica.

Esse quadro mudou completamente quando uma nova tecnologia abriu a possibilidade de copiar e compartilhar arquivos de áudio e imagem através da Internet. A criação do formato MP3, associada à disseminação e ao barateamento dos aparelhos que nos permitem reunir num único dispositivo centenas de músicas, gerou um novo fenômeno mundial: hoje cada um de nós

pode carregar no bolso uma seleção musical personalizada e ouvi-la em qualquer lugar.

Por outro lado, as facilidades de troca de arquivos via rede mundial de computadores acabaram com as barreiras impostas pelas grandes gravadoras comerciais. Músicos independentes, que antes não tinham um canal para divulgar sua produção, encontram em sites

como iSound (isound.com), MySpace (myspace.com) e Palcoprincipal (palcoprincipal.com) espaço gratuito para mostrarem seu trabalho.

Para analisar aspectos positivos e negativos dessas transformações, convidamos o professor Eloy Fritsch e o programador cultural José Carlos de Azevedo, ambos do Instituto de Artes da UFRGS.

## Do vinil à música ouvida pela Internet

Eloy F. Fritsch\*

Há alguns dias, estava ouvindo minha coleção de LPs e matando a saudade daquelas músicas que só disponho em vinil. Em um clima saudosista comecei a ouvir um trecho de cada álbum e apreciar as capas, encartes e o farto material gráfico e informativo que acompanhava as gravações.

Com o surgimento do *Compact Disc*, o formato LP foi quase extinto, o álbum tornou-se compacto, pequeno, e a informação passou a ser digital. A música estava remasterizada, livre de ruídos para ser ouvida na sua plenitude. O CD tornou-se regravável, permitindo que os arquivos musicais fossem copiados sem perdas na qualidade do áudio. As composições passaram a ser comercializadas ilegalmente sem a devida autorização dos detentores dos direitos autorais.

Depois da pirataria do CD ter sido deflagrada, surgiu o formato MP3. Se a qualidade desse novo tipo de arquivo não é tão boa, pelo menos ele ocupa um espaço menor na memória e, portanto, viabiliza a transmissão de música pela rede mundial de computadores. Uma revolução admirável, já que, de uns anos para cá, tornou-se possível garimpar nos se-

bos virtuais, selecionando raridades e novos lançamentos. Através da Internet o usuário pode baixar e ouvir o que deseja e também pode escolher onde procurar, ler informações sobre a gravação, obter a partitura musical e a biografia do compositor. Por causa da Internet e dos avanços na comunicação através do computador o músico independente já pode realizar sua própria divulgação e disponibilizar suas gravações para um nicho específico, sem a necessidade de tantos intermediários. Um sinal de alerta para as gravadoras *majors*. Elas que se cuidem!

Nos últimos anos, a indústria fonográfica sofreu grandes perdas devido à pirataria de CDs. No relatório anual da Federação Internacional da Indústria Fonográfica (IFPI), o Brasil está entre os 10 países prioritários nos quais os governos precisam atuar com urgência a fim de combater a pirataria, seja ela real ou virtual. A

*O músico independente já pode disponibilizar gravações sem tantos intermediários*

pirataria afeta a indústria fonográfica brasileira diretamente. Segundo a Associação Brasileira de Produtores de Discos (ABPD), entre 1997 e 2005, os postos de trabalho diminuíram 50%; foram contratados 50% menos artistas; 3.500 postos de venda de CDs fecharam; os lançamentos diminuíram 44%; 500 milhões de reais em impostos provenientes do ICMS, PIS e Cofins deixaram de ser arrecadados; e, para completar, 80 mil empregos foram perdidos no setor.

Talvez essa pirataria desenfreada seja o próprio reflexo da sociedade de consumo capitalista e o feitiço esteja virando contra o feiteiro. O fato é que o compositor está interessado na sua arte e não no comércio dela. Não se trata de fama e vendas comerciais que pontuam o *show business* e o Grammy Awards, trata-se de música. A fama pode ser obtida pela propaganda realizada pelas gravadoras comerciais, que

muitas vezes investem na carreira do artista ressaltando características visuais, de comportamento ou de aparência, em detrimento de aspectos musicais. É notório que o sucesso musical nem sempre está ligado à fama. Até porque música não tem nada a ver com refrigerantes e não deveria ser tratada como um produto a ser explorado pelo mercado fonográfico que visa, acima de tudo, o lucro da corporação.

REFERÊNCIAS:

ABPD - Associação Brasileira de Produtores de Discos. Disponível em [www.abpd.org.br](http://www.abpd.org.br). Acesso em 11 Set. 2007.

ABMI - Associação Brasileira de Música Independente. Disponível em [www.abmi.com.br](http://www.abmi.com.br). Acesso em 10 Set. 2007.

LEAL, Romana. D. R. dos S. *O Marketing e a queda nas Vendas de Cds's*. Faculdade de Tecnologia e Ciências - Feira de Santana, 2004.

\* Compositor e professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS

## Formato MP3 pulverizou o consumo

José Carlos de Azevedo\*

Quem entra em uma loja comum de discos (não estou falando dos sebos) já percebeu que os CDs estão desaparecendo. O mesmo aconteceu antes: nos anos 80, lojas populares, cheias de LPs, tinham uma seção tímida de CDs em algum canto. Logo em seguida, os outrora onipresentes discos de vinil é que foram para o cantinho, enquanto os CDs se refestelavam pelo lugar. A história se repete: o algoz de ontem é a vítima de hoje. Saem de cena os pequenos discos prateados, entram as "caixinhas de música" do século XXI, os iPods, e as coleções virtuais de música.

A era do CD, que agora se encaminha para o seu final, foi bem mais curta que a do vinil. Foram cerca de vinte anos de dominação dos biscoitinhos contra mais de setenta dos bolachões. Ainda assim, a era do CD teve seus benefícios. Gravadoras e artistas puderam faturar de novo com produtos que já tinham vendido antes. Fãs de música puderam readquirir seus discos favoritos em um formato que prometia maior fidelidade sonora (isso ainda é motivo de disputa entre fãs de vinil e aqueles que se acostumaram com o som digital). Os melômanos também tiraram proveito da reedição de

discos que, há muito tempo, estavam fora de catálogo. Acervos inteiros foram recuperados, remasterizados (para o bem ou para o mal), minuciosamente analisados (as reedições em CD costumavam vir acompanhadas de pequenos ensaios sobre a música e/ou sobre o artista) e lançados novamente no mercado.

O reinado do CD foi ameaçado no fim dos anos 90 pelo surgimento dos gravadores domésticos de CDs, mas foi a aparição do Napster e de outros sites de compartilhamento gratuito de arquivos digitais de música que selou o destino dos *compact discs* - e da indústria fonográfica. A mudança do formato no qual se distribui música tem efeitos profundos sobre o mercado, sobre os músicos e sobre o consumidor. Uma das possíveis conseqüências da substituição do CD pelo MP3 é a pulverização do consumo, isto é, o consumidor pode se interessar mais por canções isoladas do que por um conjunto de canções que foram lançadas em

*Álbum não é só a música, como dizem por aí os defensores do MP3 e dos iPods*

forma de álbum.

Na época dos discos de vinil, quem quisesse comprar uma só faixa de um determinado artista levaria para casa um compacto simples ou um compacto duplo (duas faixas de cada lado do disco). Com a chegada dos CDs, as gravadoras praticamente extinguíram os compactos, obrigando os consumidores a comprar os álbuns, fossem eles coletâneas de *hits* ou não. Hoje, os sites de venda de música em formato digital oferecem álbuns, mas disponibilizam principalmente canções a granel. O consumidor pode selecionar apenas as faixas de que gosta de um determinado disco. A prevalência do voluntarismo do consumidor tem efeitos positivos, mas em longo prazo pode reduzir o horizonte musical dos indivíduos que, deixando de ouvir o que não querem, também deixam de conhecer novos sons.

Os álbuns musicais, que podem desaparecer por conta dessa transformação, persistem como

objeto de culto: no mês de setembro passado, o Canal Brasil da TV por assinatura, lançou uma série de programas sobre álbuns clássicos de MPB chamada *O Som do Vinil*. No final do programa, dedicado ao disco *Acabou Chorare* dos Novos Baianos, há um "quem é quem" das (muitas) pessoas que estão na capa do disco. Charles Gavin, apresentador do programa, cita também o texto de Augusto de Campos impresso na mesma capa. Eis aí um indicador de que um álbum não é só a música, como dizem por aí os defensores do MP3 e dos iPods. O todo de um álbum musical - as canções, o modo como são ordenadas no disco, o encarte, a capa, o selo - é um documento, diz muito sobre o artista e sobre a época em que o disco foi criado. Esse tipo de informação pode se perder com a adoção estrita do formato "virtual" das coleções de música.

A crise da indústria fonográfica, provocada pela queda de vendas de discos, parece irreversível. A ferocidade das transformações tecnológicas parece indicar que o reinado dos MP3 e dos iPods pode ser ainda mais curto que o dos CDs. O que o futuro nos reserva? Quem poderá dizer?

\* Programador cultural do Instituto de Artes

# O ofício de brincar

**Comportamento**  
*Reportagem*  
*circula pela*  
*capital gaúcha*  
*verificando como*  
*as crianças*  
*ainda brincam*

Texto Jacira Cabral da Silveira  
Ilustrações Laura Castilhos

Na lancheria, a batata tem pernas e caminha sobre a mesa. O avô fica olhando e não diz nada à neta. Como interromper esse elo com a própria infância que há tempos o calendário fez a gentileza de quase apagar? Mas ela resiste, nem que seja através da brincadeira de Luana, a menina de 2 anos que passeia no centro de Porto Alegre com o avô.

Flagrantes como este fazem parte desta reportagem que buscou registrar o ofício de brincar. Por mais que especialistas digam que a infância está morta, e muitos até concordem com isto, meninos e meninas ainda encontram em tocos de árvore o carro que transita nas marquises ou nas araras das lojas dos shoppings o lugar mais legal para se esconder da tia.

O Dia das Crianças, no Brasil, foi oficialmente criado no dia 12 de outubro de 1924, pelo então presidente Arthur Bernardes. Para a ONU, 20 de novembro é considerado o dia Universal das Crianças, pois nessa data também é comemorada a aprovação da Declaração dos Direitos das Crianças (1959) que diz em seu sétimo princípio: "A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito."

Para a coordenadora-geral do programa de extensão universitária *Quem quer brincar?* da UFRGS, professora Tânia Ramos Fortuna, a brincadeira resiste nas frestas da vida cotidiana, apesar dos adultos e do que eles fazem com a cidade, tornando-a inóspita, perigosa e sem espaços para o infantil. Ao ler os flagrantes desta reportagem, a mestre em Psicologia Educacional diz que eles comprovam que o brincar se mantém como uma necessidade infantil. "O primeiro parque de diversões é o corpo daqueles que desempenham a função de pais", observa a pedagoga.

## Cercados imaginários

Com os pés descalços e pretos da fuligem da rua, Fernando, de joelhos, conduz o graveto como se fosse um carro sob a marquise do prédio abandonado onde ele, sua mãe e irmãos vendem bichinhos de madeira e outros artesanatos indígenas. Marta, da tribo Guarani, determina os limites dentro do quais os filhos podem brincar no calçadão no Centro de Porto

Alegre. No dia anterior, o carrinho do menino de 3 anos era uma pequena caixa que sobrou do lanche de alguém e que, em suas mãos, também passou a ser um avião enfiado no braço que desliza no ar.

Mais adiante, na praça da Alfândega, Daniela de 4 anos é outra que brinca perto da mãe como se existisse um cercado imaginário riscado no chão. "Ela não se afasta", garante a mãe que vende bijuterias no corredor de camelôs no calçadão. Daniela desenha garatujas em um papel apoiado no banco e fica encubulada ao perceber que falam dela. Valéria, a mãe, comenta que não é sempre que a filha a acompanha, pois tem quem a cuide em casa onde brinca com suas bonecas.

## Entre vitrines

Leno e Carol têm 6 anos e quase a mesma estatura. Até parecem irmãos, mas só passeiam com a "tia" Melina no shopping da Rua da Praia. Ao contrário dos demais transeuntes, eles correm entre as vitrines sem ligar para as promoções, tentando esconder-se da tia que sabe exatamente onde eles estão. Entrando na brincadeira, ela também se esconde e agora são eles que a procuram. De repente, ela aparece e todos riem e vão para o interior da loja à frente. Mais brincadeira, só que agora entre as araras de roupas femininas. Agachados, enfiam a cara entre as peças coloridas penduradas feito varal e espiam Melina, que acaba de entrar no provador. Mesmo sem o olhar da tia que justifica o brinquedo, seguem se escondendo: agora um do outro.

Me aproximamos e começamos a conversar. Carol troca qualquer atividade para brincar de bonecas com as amigas, a não ser quando tem tarefas em casa. Leno também ajuda a mãe, mas deixa até os *games* para brincar de boneco *hot wheels* com os colegas. Depois da loja, o passeio continua até a esquina democrática onde os amigos encontram um homem de perna-de-pau. Leno se espicha e pega o balão azul que tomou a forma de cachorro e, nas mãos do menino, late pro ar.

Um pouco mais adiante, de olhos fechados e com as mãos nos ombros dos pais que andam abraçados à sua frente, um menino de uns 11 anos parece brincar de cabra-cega ou talvez de uma brincadeira que ele mesmo inventou: imaginar o trajeto percorrido ouvindo os sons da cidade, sentindo os cheiros das lancherias, tentando lembrar que rua é esta e qual a próxima esquina para dobrar à direita.

## Antes da cirurgia

Guilherme tem 4 anos, veio de Marau à Capital com os pais para operar a tireóide no Hospital da Criança Santo Antônio. Em jejum há mais de 15 horas e depois de uma longa viagem no microônibus da prefeitura, o menino arrasta as calças novas no chão atrás da joaninha de plástico colorido com luzes no interior.

Enquanto o brinquedo desliza pelo chão, Andréa de 11 anos acompanha

com o olhar, sentada ao lado da mãe. Quando a joaninha esbarra em seus pés, a menina entra na brincadeira e a devolve, dando corda outra vez. Do outro lado do saguão luminoso com o sol das 10h de uma sexta-feira, aproxima-se Leonardo, 7 anos. Também é a joaninha que o atrai para a brincadeira. Logo, logo, o espaço delimitado pelos pais para o brinquedo dos filhos é substituído pelo trajeto que o brinquedo de corda cria na geografia do hall.

Agora Leonardo e Guilherme estão sentados no chão, um de frente para o outro enquanto a joaninha corre entre ambos e tenta escapar das mãos de Vitor, guri de 2 anos que acaba de entrar na brincadeira. Ele veio de Glorinha e, assim como os outros, está de jejum, mas não resiste ao pequeno aparato lúdico, comprado ainda a pouco no camelô à entrada do hospital e que acaba de transformar a ante-sala de cirurgia num parque onde meninos e meninas de diferentes municípios se juntam para brincar.

## No pátio de casa

Um grupo de crianças no canto do hall de entrada do edifício onde moram na zona sul de Porto Alegre conta para ver quem será a "sardinha fedorenta". É uma brincadeira em que apenas um se esconde e os outros tentam encontrá-lo sem revelar aos demais. Aquele que por último descobrir o esconderijo será a próxima sardinha fedorenta. Animados para falar do quê, quando e como gostam de brincar, meninos e meninas entre 6 e 10 anos, se agrupam para conversar com a vizinha jornalista. É apenas segunda-feira, um dia depois do feriado de 7 de setembro e todos brincam como que para matar a saudade de dias sem se ver.

"Fico jogando no computador, mas quando vejo que tem gente no pátio, desço para brincar." Carlos, 10 anos, não troca a brincadeira com os amigos para ficar no apartamento. Todos concordam. Rodrigo, por exemplo, quando quer brincar, desce e faz uma ronda até encontrar alguém entre as três torres de 12 andares que fazem parte do condomínio. Caso não tenha sucesso, vai para os interfonos e convoca o pessoal. Conforme o horário e dia da semana, logo se forma uma turma para jogar futebol, brincar de esconde-esconde ou um daqueles jogos de mesa que transferem para o chão do saguão de entrada de um dos prédios. Conforme Mariana, de 10 anos, eles não podem brincar fora das cercas do condomínio porque as mães não deixam: "É perigoso". Mesmo os meninos de 6 anos participam da conversa e contam do horário que descem para o pátio. É preciso olhar para cada um enquanto falam, afinal de contas, brincar é coisa séria e eles estão falando do que realmente sabem fazer.

## Evasão temporária do real

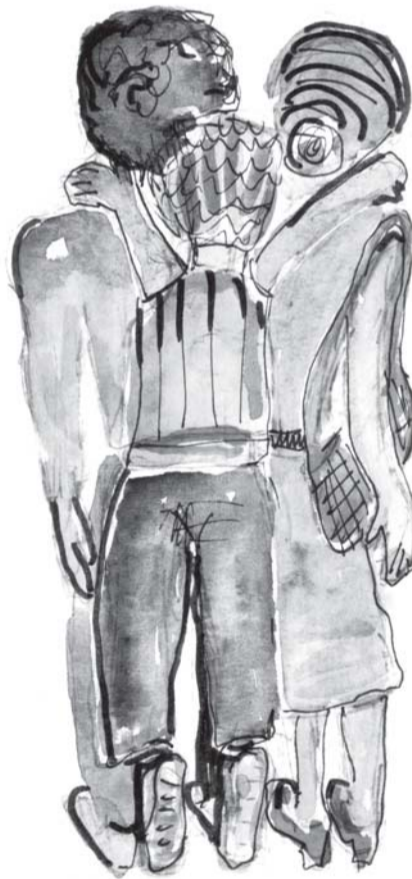
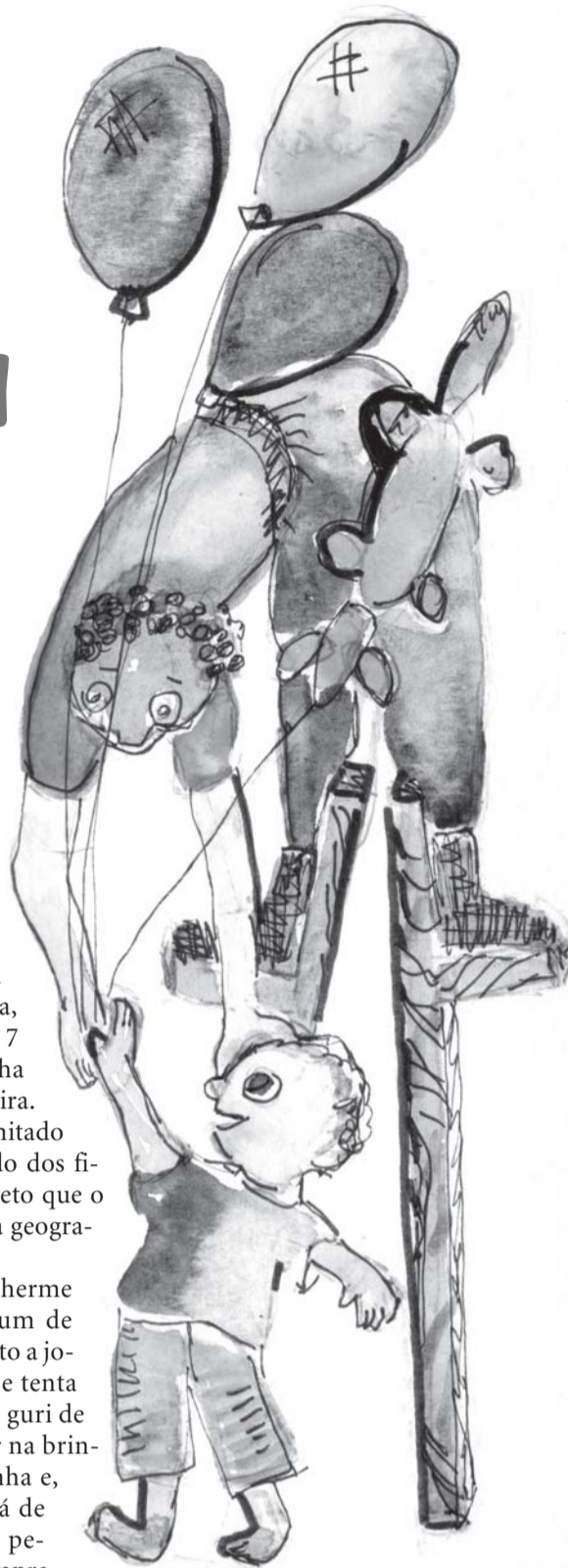
Membro da Associação Brasileira de Brinquedotecas e especialista na área, Tânia Ramos Fortuna, professora da Faculdade de Educação da UFRGS (Faced), comenta a respeito da importância do brincar. Valor que não se restringe aos seres humanos. Segundo ela, a brincadeira pode ser verificada entre os mamíferos superiores. "Muitas vezes, os animais parecem estar caçando, quando na verdade fazem de conta que estão indo atrás de alimento", ilustra. Impressão semelhante pode ser observada nos momentos em que os animais estão acasalando ou brigando. Também essas situações, algumas vezes, são apenas representações dos atos verdadeiros.

Sejam quais forem aqueles que brincam, Tânia explica que a atividade de brincar se caracteriza por seis aspectos: não literalidade; improdutividade; separação do tempo e do espaço; imprevisibilidade; liberdade e regulamentação. Quando o pequeno índio na rua da Praia brinca de carrinho na calçada, usa o galho de árvore que se fosse um carrinho. É como Tânia exemplifica a não literalidade do brincar, ou seja, fazer de conta. Fernando sequer pretende algo com sua brincadeira, é o aspecto da improdutividade do brinquedo que, em filosofia, explica-se com o conceito de autotélico: o fim em si mesmo.

Ao ilustrar o brincar como um ato separado do tempo e do espaço, Tânia cita a situação descrita nesta reportagem, sob o título "Cercados imaginários", como representação aproximada do que vive a criança quando cria no seu entorno uma redoma, um universo na qual ambos se agregam: criança e brincadeira. "Com um simples movimento de braços construo meu mundo e perco a noção do tempo brincando. É como se fosse uma evasão temporária do real", explica a educadora. Esse sentimento e a sensação de que as horas não passam, Tânia usa para comprovar que a capacidade de brincar não acaba junto com a infância. "É uma atitude de resistência", pondera. Quando atento, todo adulto pode perceber em si mesmo cada uma das seis características do brincar. "O que ocorre é que eles vão se metamorfoseando", afirma. Como exemplo, lembra os casais de namorados que se recolhem num mundo privado, absortos em seu amor. Tudo lá fora pode estar caindo, mas os beijos prosseguem, a vida é cor-de-rosa e o relógio parou – ou voa.

Restam ainda três características: a imprevisibilidade, pois ninguém sabe o efeito do brincar; a liberdade, porque é a criança quem decide brincar e não o adulto que insiste com ela; e por último, o fato de que brincar é uma atividade regulamentada, com regras e normas. Um menino sabe que deve caminhar até o final do muro, saltar no final, voltar para o ponto de partida e recomeçar. "Até que ele decida o contrário, pois as regras não são fixas."

Sentada num pufe laranja na Brinquedoteca no térreo da Faced, cercada de brinquedos e jogos, Tânia sorri muito e se emociona ao falar da resistência do brincar, tanto na infância quanto na vida adulta. Menciona o avô citado na reportagem e afirma que para todos brincar é uma necessidade, uma ferramenta para aprender a viver. No caso das crianças no hospital, é uma forma de reafirmar a vida: "Enquanto brinco, estou vivo."



# Mobiliário reciclável

## Design

*Disciplina do curso de Arquitetura propõe criação de móveis e objetos a partir do reaproveitamento de materiais*

Ânia Chala

Na segunda quinzena de setembro, quem passou pelo saguão da Faculdade de Arquitetura, no campus Centro, pode ver uma exposição de móveis e objetos produzidos por alunos do curso de Arquitetura a partir de material reciclado. O trabalho, orientado pelo professor Fernando Freitas Fuão, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura (Propar), apresentou os resultados de um semestre de muita pesquisa e criatividade na disciplina de *Projeto IV*. Trata-se de uma pequena mesa de canto, feita a partir de discos de vinil, luminárias construídas com canudinhos de plástico, prateleiras confeccionadas em papelão que podem armazenar CDs, um pufe elaborado com tiras de borracha e até uma grande almofada preenchida com papel picado, que funciona como um confortável sofá.

Segundo o professor Fernando, o mobiliário reciclável é consequência de um trabalho iniciado há mais de três anos com cooperativas de catadores de lixo. “Estava insatisfeito com o fato de passarmos boa parte do curso projetando somente grandes centros e shoppings. Isso me parecia um total descompromisso com o papel social do profissional. Por isso, direcionei minha atenção para o mundo dos catadores de lixo e dos galpões de reciclagem e acabei montando uma pesquisa pelo CNPq que pretendia fazer um diagnóstico desses espaços.”

Ao contrário do que aparece nas matérias veiculadas pelos jornais, e especialmente na televisão, o arquiteto diz que esses espaços são precários e insalubres e, muitas vezes, constituem-se em focos de transmissão de todo o tipo de doenças. “Minha proposta era montar uma espécie de cartilha sobre como os galpões poderiam ser melhorados. Quando fui contemplado com bolsas do CNPq, pude realizar dois trabalhos bem específicos na região de Porto Alegre: o primeiro no galpão de reciclagem *Profetas da ecologia*, no qual realizamos um projeto de extensão e outro no galpão Rubem Berta. Os alunos se envolveram tanto que, a partir de determinado momento, ficou impossível separar ensino, pesquisa e extensão.”

Ao longo das atividades nos galpões de reciclagem, foi promovida uma oficina com o designer e artista plástico Nido Campolongo, cujos trabalhos sempre envolvem questões sociais e ambientais, utilizando como matéria-prima principal o papelão derivado do resíduo industrial. “Nessa oficina recrutei alguns mestrandos e doutorandos e conseguimos dar os primeiros passos na aprendizagem

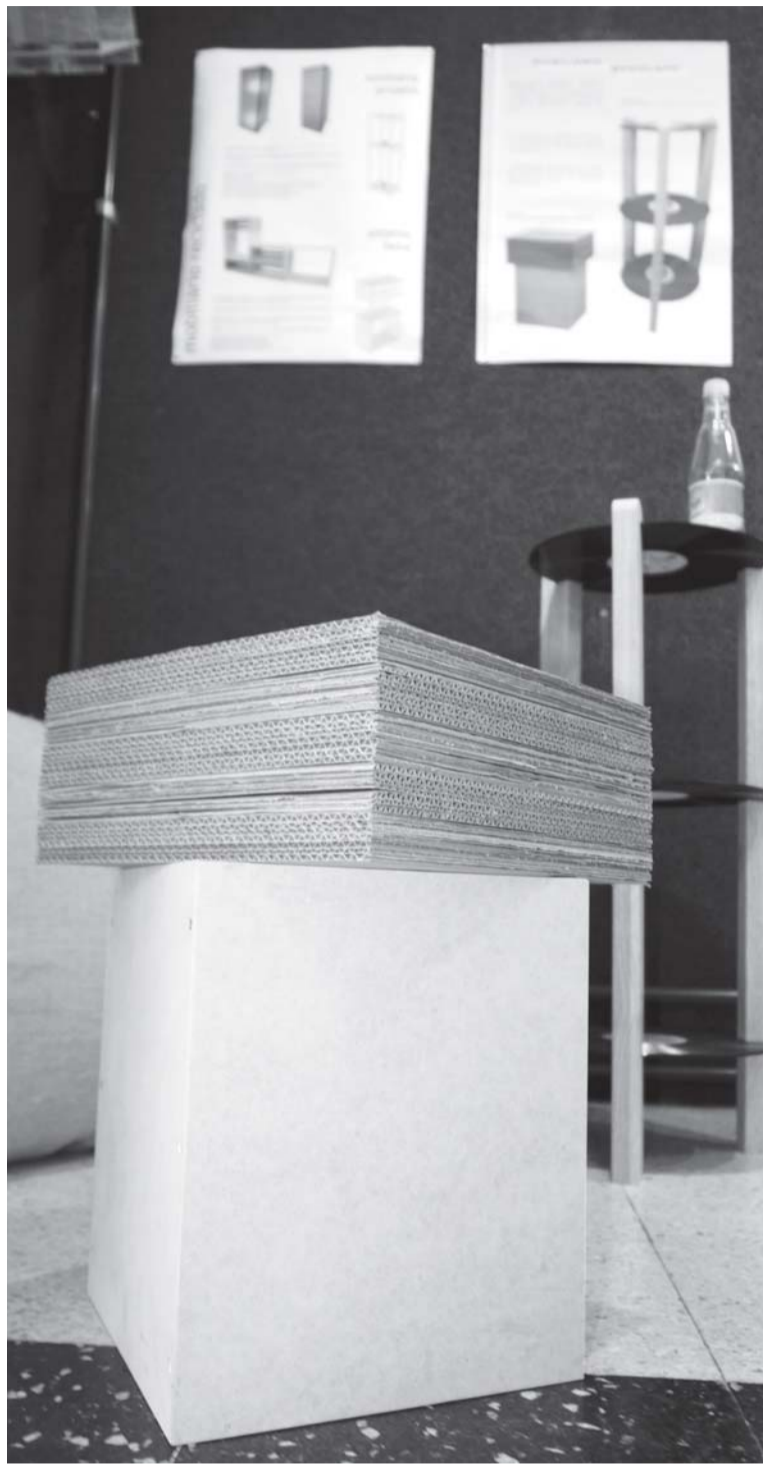
de como manusear o papelão, descobrindo suas potencialidades. No semestre passado, com uma experiência maior, pudemos avançar, e o resultado foi mostrado nessa exposição no saguão da faculdade. Neste semestre, estamos realizando uma outra série de projetos de mobiliário, com a colaboração do professor Rufino Becker, meu colega no Departamento de Arquitetura”, relata o pesquisador.

**Aspecto social** – Para o professor, o foco dessa iniciativa não é o reciclar em si, mas seu aspecto social. “Esse trabalho me fez perceber o quanto o arquiteto sempre foi egoísta, fazendo projetos para si próprio. Nos galpões, aprendemos a projetar para o outro. Essa foi também uma maneira dos alunos descobrirem esse processo periférico de exclusão. Embora a questão da reciclagem esteja na moda, quando se conhece um galpão onde está instalada uma cooperativa de catadores, a coisa é bem mais dolorida. Estamos acostumados a ver essas experiências como positivas, mas na verdade essas pessoas estão atuando com lixo porque não há emprego no mercado de trabalho formal.”

Fernando conta que, depois de mais de um ano, conseguiu realizar no galpão dos *Profetas da ecologia* o revestimento dos banheiros com mosaicos, graças à habilidade do aluno Bruno Euphrasio de Melo, que lhes ensinou a técnica de reutilizar cacos de azulejo. “Já no galpão do Rubem Berta, encontramos o grupo do professor Nilton Fischer, da Faculdade de Educação, que vinha desenvolvendo um projeto extensionista chamado *Caminhos do lixo*. Ali tudo foi mais fácil, porque já tínhamos acumulado experiência.”

Conforme o arquiteto, o reciclado tem duas abordagens possíveis: a primeira é que podemos projetar um móvel sem o propósito de industrializá-lo, mas confeccionando-o como um objeto único, artesanal. A outra abordagem está relacionada ao desenho de coisas que possam ser produzidas em série. “De qualquer maneira, o importante é que esse tipo de trabalho instiga a imaginação das pessoas, mesmo que o resultado não seja muito funcional”, conclui.

**Movéis e objetos foram criados a partir de experiência em galpões de reciclagem**



## Conhecendo a UFRGS

CPD: Tecnologia a serviço da Universidade

Por Fernando Favaretto



Você sabia que chegam, em média, por mês, mais de trinta e quatro milhões de e-mails para a UFRGS? E que dessa quantidade de mensagens eletrônicas, 94% são rejeitadas, antes de chegar aos destinatários, por razões de segurança? Você sabia também que a homepage da Universidade tem uma média de 38 mil visitas por dia? E que as páginas mais visitadas são as de notícias, vestibular e cursos, respectivamente? Ou que são enviadas diariamente mais de 60 mil mensagens através do Chasque? São números grandiosos, e é natural que em nosso ritmo acelerado de atividades não consigamos perceber a intensidade com que a informação eletrônica se faz presente em nosso cotidiano. Mas se a nós escapa essa percepção do universo virtual, ao Centro de Processamento de Dados da UFRGS, (CPD) ela se torna obrigatória e diária, uma vez que ele tem justamente a função de tornar acessível a toda a comunidade acadêmica os mais diversos recursos computacionais dos quais ela possa usufruir.

De acordo com a diretora do órgão, Jussara Issa Musse, o que motiva o trabalho do Centro é um esforço em prover a Universidade de todos os recursos de tecnologia de informação necessários às atividades acadêmicas e administrativas: “Hoje é impossível pensar qualquer instituição sem esses recursos. Então, não tem como conceber a Universidade, que é uma instituição de ponta, e vive do conhecimento, sem redes, sem sistema, sem informações. Dentro desse contexto, o CPD, como setor que presta e mantém esses serviços, torna-se fundamental no funcionamento da UFRGS”.

Nesse sentido, o Centro desenvolve desde ações de reparos e assistências em máquinas até formação para o uso de ferramentas e conhecimentos tecnológicos, passando por licenciamento de softwares, telefonia via internet ou hospedagem de sites. Como espaço de esclarecimentos e orientações, o CPD realiza, em média, mais de 400 atendimentos por dia através de contatos telefônicos, sem contar os mais de 20 atendimentos presenciais que costumam ser feitos diariamente para solucionar problemas nos equipamentos espalhados pela UFRGS.

Mais do que um esforço em prol da comunicação e da informação, o CPD representa um espaço de aprendizado e de atualização constantes, uma vez que professores, técnicos e estudantes constroem juntos estratégias para manter a Universidade em consonância com avanços e recursos de infra-estrutura que possam explorar a tecnologia em benefício de toda comunidade acadêmica.

Assista ao programa



Para entender melhor o CPD assista ao programa *Conhecendo a UFRGS* produzido pela UFRGS TV, que será exibido no dia 23 de outubro, com reprise dia 1º de novembro, às 21h30min, através da UNITV, canal 15 da NET

# UFRGS recebe 180 novos alunos estrangeiros

**Intercâmbio**  
*Universidade ensina e aprende com estudantes de todo o mundo*

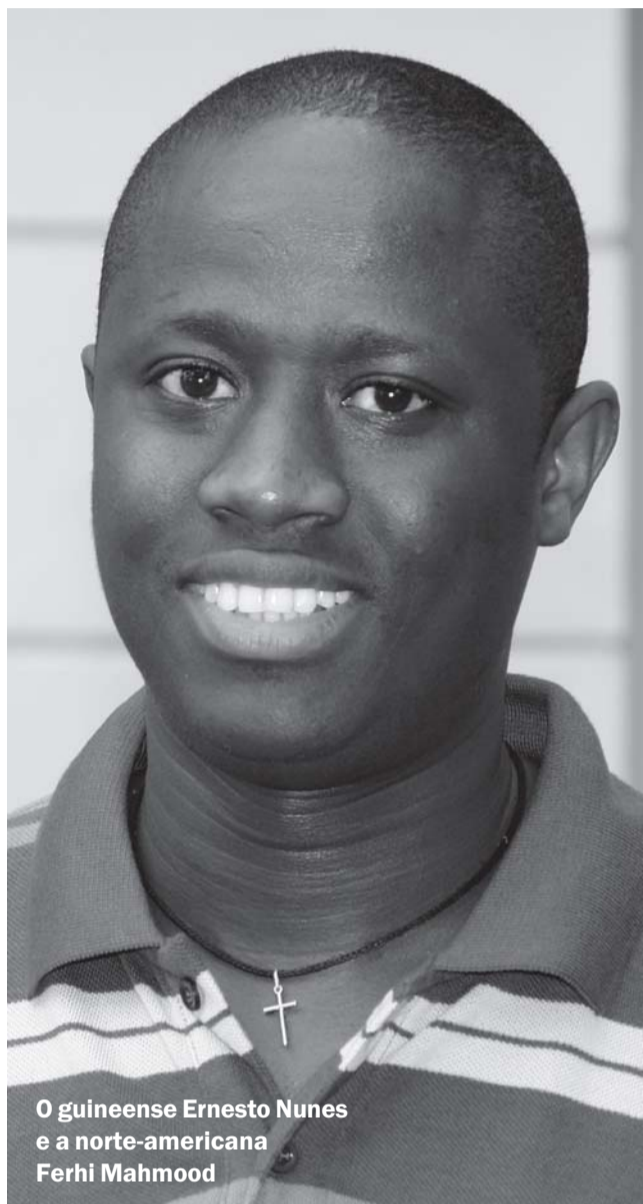
No final de agosto, a UFRGS reuniu em confraternização mais de uma centena dos seus 180 alunos internacionais numa cerimônia na Sala Fahrion da reitoria. Quem circulou pelo local tinha a nítida impressão de que estava em meio a uma reunião da ONU, devido à grande diversidade de países representados. Era possível encontrar estudantes vindos do Congo, do México, do Uruguai, da Argentina, do Peru, da Costa Rica, do Japão, da China, da Alemanha, da Polônia, do Panamá, de Portugal, da França, dos Estados Unidos, do Haiti, de Angola, da Espanha, da Colômbia, da Nigéria, do Canadá, de São Tomé e Príncipe e da Tunísia, entre outros países.

A recepção, que ocorre a cada início de semestre, tem por objetivos propiciar o contato dos alunos estrangeiros com os membros da Administração Central da Universidade e incentivar a integração de pessoas oriundas de lugares tão distantes e diferentes.

**Da África para Porto Alegre** – Entre os estudantes presentes estava Ernesto Nunes, 24 anos, de Guiné-Bissau, que veio para a UFRGS através do Programa de Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G), dos Ministérios de Relações Internacionais e da Educação. Ele mudou-se para Porto Alegre em março de 2005 para cursar Direito e ainda se considera em fase de adaptação. “A cultura é totalmente diferente e o mais difícil tem sido suportar as variações de temperatura. Estranho muito o frio”, relata.

Ernesto diz que se surpreendeu com a Universidade. “A UFRGS é bem conceituada e o curso de Direito, ainda melhor. O ritmo puxado faz com que a gente tenha que se esforçar muito, mas é preciso lutar para conseguir o que queremos.”

Desde que veio para o Brasil, o estudante ainda não pode visitar seu país



O guineense Ernesto Nunes e a norte-americana Ferhi Mahmood

CADMÍNIO ANDRADE

em razão do alto custo das passagens. Morador da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEUACA), na rua Riachuelo, no Centro da capital, Ernesto conta que fez vários amigos na UFRGS e mantém um bom convívio com os estudantes e professores brasileiros.

O objetivo do guineense é aproveitar sua estada no Brasil, formar-se no segundo semestre de 2009 e voltar para o seu país. “A formação é uma coisa que a pessoa recebe e nunca mais perde. Para mim é uma grande honra estudar aqui e quero aproveitar o máximo possível. Desejo voltar à Guiné e dar minha contribuição.”

**Latina de coração** – A norte-americana Ferhi Mahmood reside há dois meses e meio no Brasil, mas está satis-

feita porque a UFRGS oferece os dois cursos que mais lhe interessam: Relações Internacionais e Ciências Sociais. “Faço cadeiras nos dois e, como em todas as faculdades do mundo, há disciplinas boas e ruins. Enfim, nós temos uma frase, *You get what you work for*. Em outras palavras, estou aqui em Porto Alegre e vou fazer tudo para maximizar minha experiência”, afirma.

Aos 21 anos, a texana encara com tranquilidade a pergunta que se repete: por que deixou os Estados Unidos para vir estudar no Brasil? “Nunca tinha pensado em termos de ‘Primeiro’ e ‘Terceiro’ mundo, mas acho que as pessoas que vêm do ‘Primeiro Mundo’ não pensam muito nisso. Lá, nos EUA, estou cursando Estudos Latino-americanos, com enfoque na língua portuguesa. Minha mãe é me-

xicana e passei a primeira parte de minha vida no México. Então, sou latina de coração. Sempre tive interesse no Brasil e vontade de aprender português”, diz a estudante.

Sobre os problemas de estudar num país estrangeiro, Ferhi diz que a saudade é a coisa mais difícil, especialmente nos primeiros dias, em que se sentiu confusa e perdida.

A estrutura dos programas de intercâmbio da Universidade pesou na escolha de onde estudar no Brasil. “Originalmente, ia para a Bahia, mas uma colega me falou que seria melhor vir para a UFRGS, pelos programas de Relações Internacionais e Direito da Universidade.”

**Juliano Tatsch, estudante do 8º semestre de Jornalismo da Fabico**

**Importação e exportação de valores**

A UFRGS recebe estudantes de todos os continentes, sendo que a maioria vem para cursar aqui um semestre da faculdade que frequenta em seu país de origem. Atualmente, os chineses estão em maioria: os 23 jovens recém-chegados vieram para estudar português para estrangeiros e inglês, como parte de sua preparação para atuar na Olimpíada de Pequim em 2008.

Para o reitor, José Carlos Hennemann, a troca que ocorre entre a Universidade e os estudantes internacionais é produtiva. “Essa integração em nível de graduação e pós-graduação vai aproximar os países e os continentes e estreitar as relações entre eles”, destaca. Já o secretário de Relações Institucionais e Internacionais, Paulo Visentini, diz que a Universidade conseguiu atingir um estágio importante na cooperação internacional, equilibrando os alunos que vêm para a UFRGS e os que vão para o exterior. Sobre o país que os estudantes encontram ao chegar aqui, Visentini enfatiza o caráter multicultural brasileiro. “Os estudantes às vezes se surpreendem com o Brasil, uma terra de contrastes e acolhedora das diferenças”.

A Universidade mantém permanentemente um curso de língua portuguesa para estrangeiros, vinculado ao Departamento de Línguas Modernas, do Instituto de Letras. Criado em dezembro de 1993, o curso tem por objetivos incentivar intercâmbios entre professores e alunos da UFRGS com universidades e instituições que tenham o mesmo programa e aplicar o exame para a obtenção do Certificado de Proficiência em Português para Estrangeiros. O programa também realiza regularmente módulos do curso de formação de professores na área de aquisição e metodologia de ensino do português como língua estrangeira, elementos de gramática e elaboração de materiais didáticos para o ensino do idioma.

## Contato social é prioridade da escola

**Ensino**  
*Pesquisador espanhol diz que educação ativa deve ser impulsionada*

Jacira Cabral da Silveira

No primeiro semestre, a Faculdade de Educação da UFRGS (Faced) recebeu um dos grandes estudiosos da Epistemologia Genética de Jean Piaget, o professor da Universidade de Madri, Juan Delval, cujas obras

são referência para estudantes e pesquisadores da educação e da teoria piagetiana no Brasil e no mundo. Ele veio participar da segunda edição do Seminário de Pesquisa e Formação Continuada de Professores, promovido pelo Programa de Pós-graduação da Faced e Núcleo de Estudos em Epistemologia Genética e Educação (Neege).

Para o pesquisador, a maior parte dos conhecimentos são adquiridos através da própria atividade, por isso é importante estimular as crianças a explorarem as coisas na escola e em casa. “Temos que impulsionar uma educação ativa. A realidade virtual ocupa cada vez um espaço maior na vida das crianças e os computadores são um instrumento importante para a obtenção da informação, mas esta tecnologia não substitui a exploração

direta do real, complementa-a.”

Delval considera que a educação deveria estar centrada na atividade do aluno, com o professor agindo como um guia. “Para isso, temos que construir uma escola na qual o papel de protagonista seja do aluno, de maneira que essa estrutura se adapte a ele, e não o contrário. Acredito na utilidade do trabalho em grupo e no desenvolvimento de projetos a partir das idéias dos alunos, analisando problemas que lhes interessem. Naturalmente, o número de estudantes pode ser um obstáculo importante, mas o professor deve impulsionar a atividade investigativa, fazendo-os buscar suas próprias soluções.”

Conforme o educador, é fundamental promover uma escola mais participativa na qual os alunos tenham que se organizar e aprendam a

resolver conflitos, analisando e discutindo questões sociais e morais. Para ele, o problema da violência pode ser reduzido, mediante uma educação inclusiva.

Delval também disse que o ensino a distância pode contribuir muito mais para difundir a educação nos níveis universitários. “Já na educação de crianças é fundamental o contato social, pois a escola não serve apenas para transmitir conhecimentos, mas também para a socialização do indivíduo. Nesse período do desenvolvimento infantil, o contato com companheiros de mesma idade é indispensável, inclusive para a aquisição das normas morais”, afirmou o professor.

Finalmente, o pesquisador destacou as diferenças entre a educação na Espanha e no Brasil, afirmando

que os problemas da educação são muito semelhantes em todos os países. Delval entende que as diferenças entre uns e outros são mais de grau do que de qualidade e que, embora a melhoria das condições materiais a partir das quais se realiza o trabalho educativo seja muito importante, também é necessário mudar as formas de ensinar e propiciar um clima social mais participativo nos centros escolares. “Os meios de comunicação, e a televisão em especial, podem realizar a tarefa de transmitir informação e criar valores, entretanto, não propiciam a reflexão e o pensamento crítico. Essa deve ser a tarefa da escola, que é se converter em um laboratório no qual se aprenda a analisar os problemas da realidade tanto física quanto social”, defendeu o professor.

# Vilão de muitas vítimas

## Problema social

*Em época de “leis secas” municipais, especialistas discutem os danos que as bebidas alcoólicas acarretam à sociedade*

Quando um atropelado embriagado dá entrada no pronto-socorro, não se credita ao álcool o ônus à saúde pública como a causa do incidente. Geralmente são atribuídos a ele os acidentes em que o motorista está alcoolizado e é considerado responsável pelo sinistro. Além dos problemas no trânsito, dados divulgados recentemente apontam o consumo excessivo de bebida como determinante em homicídios e agressões. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o dano social que o álcool implica à sociedade brasileira compreende cerca de 7,3% do Produto Interno Bruto (PIB).

Para Raquel De Boni, psiquiatra e pesquisadora do Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas do Hospital de Clínicas (HCPA), é preciso avaliar a quantidade de dinheiro que se gasta em álcool no país. A médica atua na linha de pesquisa de álcool e trânsito, e cita o estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que fala da relação entre o álcool e as mortes em acidentes de trânsito no Brasil. Conforme o órgão, no ano passado, os impactos sociais e econômicos dos acidentes nas rodovias brasileiras foram estimados em R\$ 24,6 bilhões. Nesse cálculo, além dos custos diretos com a saúde e com os veículos, incluiu-se a perda de produção relacionada às mortes ou à interrupção das atividades das vítimas, bem como a desestruturação familiar.

Em sua dissertação de mestrado, Raquel investigou a relação entre percepção de risco e alcoolemia: “Entrevistamos pessoas que estavam bebendo nos postos de gasolina, motoristas ou caronas, para saber em que medida elas percebiam o risco que estavam correndo e o quanto tinham bebido, e em que grau essas duas coisas estavam relacionadas”. Pelos resultados, por volta de 40% das pessoas tinham alcoolemia maior que o tolerável e destas, 30% iam dirigir nas próximas duas horas. O estudo foi realizado em maio e julho de 2006 e apontou como dado geral o fato de que os homens ingerem mais bebida alcoólica que as mulheres. Talvez por isso, eles sejam as maiores vítimas em acidentes de trânsito.

Ainda sobre trânsito, a psiquiatra cita uma estimativa do Instituto Médico Legal: 37% dos mortos havia ingerido álcool e 25% apresentava alcoolemia maior que a permitida por lei para dirigir. “Isso se considerarmos todas as vítimas de acidente de trânsito, mas quando se leva em conta somente motoristas vitimados, chega a 70% o índice dos que ingeriram bebida alcoólica”, avalia a médica.

São computadas mais de 60 doenças clínicas relacionadas com o consumo de álcool e com o alcoolismo, como câncer de fígado, cirrose, hemorragia digestiva, diabetes e pancreatite. Mas, de acordo com Raquel, não são somente essas que oneram o sistema de saúde.



## Dados gerais sobre o álcool

### Cifras

- >> Dano social do consumo de álcool no Brasil: **7,3%** do PIB (OMS)
- >> Os impostos gerados pelas indústrias de bebida equivalem a **3,5%** do PIB - valor subestimado (OMS/OPAS)
- >> O déficit entre a arrecadação em impostos e o dano social: **3,8%** do PIB - cerca de **R\$ 60 bilhões** (PIB/2003)
- >> Contraste - orçamento do SUS em 2004: cerca de **R\$ 34 bilhões**

### Danos sociais

- >> A taxa de adolescentes que abusam do álcool de forma pesada vem aumentando significativamente (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas - Cebrid)
- >> A taxa de mortalidade de jovens brasileiros entre os **15 e 25 anos** é uma das 10 mais altas do mundo (IBGE)
- >> Aumento de **10%** no preço da bebida alcoólica reduz em **28,8%** a morte de homens e em **37,4%** a morte entre as mulheres (Universidade de Estocolmo/Revista The Lancet)

### Trânsito

- >> **78%** das mortes em acidentes de trânsito no Brasil têm presença do uso do álcool
- >> **40%** dos acidentes com mortes apresentam dosagem alcoólica acima do permitido por lei
- >> **47%** dos mortos em colisões ou atropelamentos tinham álcool no sangue no momento do acidente (IML/SP, 1999)
- >> Nas quatro maiores capitais do Brasil: **61%** das vítimas de acidentes de trânsito apontavam alcoolemia; **75%** dos motoristas haviam ingerido alguma quantidade de álcool, dos quais **30%** indicavam alcoolemia acima do permitido por lei. (Associação Brasileira dos Departamentos de Trânsito - ABDetran)
- >> Presença de bebida alcoólica em **50%** dos acidentes automobilísticos com morte (Detran/SP)

### Danos à saúde

- >> **17 milhões** de brasileiros dependentes do álcool (OMS)
- >> O alcoolismo é responsável por **60** doenças diferentes que matam (OMS)
- >> Nos últimos 20 anos, **90%** das internações hospitalares causadas por drogas foram motivadas pelo álcool (Cebrid)
- >> A dependência do álcool responde por **40%** das consultas psiquiátricas no Brasil
- >> Os efeitos do alcoolismo na saúde estão no mesmo nível do tabagismo e da hipertensão (OMS)

LÍCIA SIMON/PROJETO CONTATO

FONTE: IMPRENSA/SIMENS

# AA

## “Aprendi a conviver com minha doença”

A frase é de Albano, membro dos Alcoólicos Anônimos de Porto Alegre. Ele tem ciência de que é alcoólatra e não irá deixar de sê-lo, pois a doença não tem cura. Por ser progressivo, o alcoolismo pode ser encarado por muitos como um vício. Segundo o AA, embora seja definitivamente incurável, a doença pode ser detida, mas para isso o indivíduo tem que querer parar de beber, abstendo-se do álcool totalmente. Como Albano, todos os seus companheiros estão em recuperação. Os integrantes costumam dizer que precisam ficar longe do primeiro gole a cada 24h, que dão um passo de cada vez. Nos Alcoólicos Anôni-

mos, homens e mulheres trocam experiências, forças e esperanças, com o propósito de resolverem seu problema comum e ajudarem os outros a se recuperarem do alcoolismo. No programa de recuperação, seguem a filosofia dos Doze Passos, cujo primeiro é reconhecer que é impotente perante o álcool.

A entidade não recebe recursos externos e é mantida pela contribuição dos companheiros. Contribuição espontânea, já que não há mensalidade nem taxas. As reuniões da maioria dos grupos são realizadas em igrejas, porque esses lugares disponibilizam as salas. O AA faz questão de informar que não é ligado a

qualquer seita ou religião, movimento político ou organização e que não deseja entrar em qualquer controvérsia, não apóia nem luta contra nenhuma causa. Nossa fonte, que não fornece o nome completo para garantir o anonimato, diz que o AA não entra em polêmica. “Não posso entrar em conflito com um indivíduo que pode ir a um bar beber com controle, sem comprometer a sua saúde ou prejudicar terceiros. Há diferenças entre um alcoólatra e um não-alcoólatra”, ressalta, e por isso a irmandade não se posiciona quanto a medidas restritivas. Mais informações: [www.aars.org.br](http://www.aars.org.br) ou pela Central de Atendimento: (51) 3226-0618.



# “Somos uma sociedade muito tolerante”

O alcoolismo é uma das formas de dependência química e, nos hospitais, deve ser tratado nas alas psiquiátricas. Segundo Raquel De Boni, do Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas (CPAD), o Hospital de Clínicas de Porto Alegre oferece tratamento para os dependentes de álcool, mas dispõe de apenas quatro leitos para internação: “O Brasil tem poucos leitos para o tratamento de dependência química”.

A situação se agravou depois da reforma psiquiátrica, que indica que o tratamento deve ser ambulatorial e feito em casa. Essa legislação propôs a substituição gradual da oferta de leitos psiquiátricos por vagas em hospitais gerais. No Rio Grande do Sul, a reforma começou em 1992 e a lei federal foi implantada em 2001. Com a extinção dos leitos, pretendia-se que as internações fossem realizadas em casos extremos, que os pacientes permanecessem em abrigos – para os que não tivessem condição de ficar em casa – e recebessem cuidados em Centros de Atendimento Psicossocial (Caps). No entanto, Raquel reitera que muitos casos precisam de internação.

Segundo dados de 2006 do Programa de Atenção à Dependência Química e Redução de Danos da Secretaria Municipal da Saúde, entre dependentes de álcool e outras drogas, a demanda por internações na capital era quase quatro vezes maior que as 80 vagas oferecidas nas alas psiquiátricas no sistema público da cidade.

**Pesquisa** – O CPAD é coordenado pelo professor Flavio Pechansky, da Faculdade de Medicina da UFRGS, e tem oito pesquisadores fixos (entre mestrandos e doutorandos), uma bolsa de Iniciação Científica e estagiá-

rios voluntários. Raquel De Boni afirma que existem várias maneiras de prevenir o dano de álcool e drogas. Uma delas seria a educação e outra é a restrição, através do aumento dos impostos e da redução dos locais de venda. “Em muitos países, estabelecimentos só podem comercializar esses produtos se têm licença para vender bebidas alcoólicas. Isso não acontece no Brasil. Fechar os bares em determinado horário é uma medida restritiva que funciona no sentido de prevenir esses gastos e todas essas mortes”, esclarece.

Raquel e Pechansky, seu orientador de mestrado, vêm desenvolvendo um projeto em conjunto com a Secretaria Nacional Antidrogas (Senad) sobre álcool e trânsito do qual também participam o Programa de Pós-graduação em Economia da Saúde, o Núcleo de Bioética do HCPA e o Programa de Transtornos de Déficit de Atenção/Hiperatividade. Esses órgãos constituem, juntamente com o CPAD, o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Trânsito e Álcool da UFRGS (Nepta). A iniciativa única e inédita no país foi oficializada em 2006, e o Núcleo funciona como grupo de pesquisa junto ao CNPq desde julho, com o objetivo de avaliar o impacto do uso do álcool e outras drogas no trânsito brasileiro. Nacionalmente, os parceiros serão o Departamento Nacional de Trânsito (Denatran), a Polícia Rodoviária Federal, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), além de vários ministérios relacionados à Senad. Em Porto Alegre, já estão envolvidos os hospitais de Pronto-socorro e Cristo Redentor, o Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (Simers) e o Conselho Esta-

dual de Entorpecentes.

A política nacional do governo sobre o álcool, que foi assinada em 23 de junho deste ano, prevê estudos em álcool e trânsito e a regulamentação da propaganda. “Só que a lei tem que ser cumprida; não adianta estar escrita”, complementa a pesquisadora.

**Jovens e publicidade** – Conforme a psiquiatra Raquel, a permissividade em relação ao álcool é uma preocupação de todos que fazem pesquisa no Brasil: “Somos uma sociedade muito tolerante quanto ao consumo. Desde muito cedo, vemos crianças bebendo espuminha da cerveja”. Na opinião da médica, a propaganda de bebida alcoólica está relacionada ao consumo e à tolerância. “Embora exista uma lei que proíbe a associação do uso de álcool a sexo, juventude, dinheiro e esporte, o ‘baixinho’ bebe e consegue todas as mulheres.” As campanhas publicitárias abordam exatamente o lado da sexualidade e isso é um apelo para o jovem. Por todas estas circunstâncias, o controle sobre o marketing é tido como uma estratégia de prevenção. Raquel lembra de uma propaganda de cerveja com caranguejos, que deixou de ser veiculada porque foi considerada apelativa para o público infantil. “No Brasil, é difundida a idéia de que cerveja não é álcool, que não causa mal, que todo mundo bebe e é normal.” Na opinião da médica, uma das dificuldades é que a maior parte da regulamentação para propaganda de álcool diz respeito a bebidas que tenham teor alcoólico maior que 10%, não abrangendo a cerveja.

**Restrição** – Raquel acredita que a



ODINHO/ANDRADE

“Lei Seca” sozinha não funciona, mas acha que o exemplo de Diadema tem de ser seguido, pois a população foi conscientizada e aprovou. Diadema é uma cidade de 400 mil habitantes na Grande São Paulo, que adotou a restrição de horário na venda de bebidas e, em dois anos, diminuiu em 46% os homicídios e em 25% o número de agressões contra a mulher.

Ela conta que durante seu estudo, utilizou bafômetro nos postos de Porto Alegre antes e depois de começarem a vigorar operações de fiscalização de trânsito por parte da Brigada Militar e que não houve mudança significativa. Por isso, Raquel defende que a legislação e a fiscalização têm de ser bem aplicadas em conjunto. A opinião da psiquiatra em parte coincide com a visão do vereador Claudio Sebenelo, que protocolou o projeto de “Lei Seca” na Câmara de Porto Alegre (veja entrevista abaixo).

## Identificando a predisposição ao alcoolismo

Estudos genéticos têm sinalizado que filhos de alcoólatras são quatro vezes mais propensos a desenvolver o alcoolismo se comparados com filhos de não-alcoólatras, mesmo esses bebês sendo separados de seus pais logo após o nascimento. Há indícios de que indivíduos com predisposição ao alcoolismo podem ser distinguidos dos outros que não a tem por meio de respostas da atividade elétrica cerebral por eletroencefalograma.

No Programa em Pós-graduação em Engenharia Elétrica da UFRGS, uma doutoranda está classificando os sinais neurais de sujeitos com predisposição do banco do Estudo Colaborativo sobre a Genética do Alcoolismo (COGA na sigla em inglês) da Universidade do Estado de Nova York. Carla Diniz Lopes explica que sua motivação vem do fato do álcool ser a terceira maior causa de morte no Brasil, segundo a OMS (ficando somente atrás do câncer e de problemas cardíacos). Uma vez diagnosticada a predisposição, há a chance de prevenir e/ou conter a doença. “O objetivo é profilaxia mesmo”, conta.

# “Não podemos cruzar os braços”

## Entrevista com o vereador de Porto Alegre, Claudio Sebenelo, que propôs na Câmara a “Lei Seca” da capital

**JU** – Foi de sua autoria o projeto de lei que restringe o consumo de bebidas alcoólicas em Porto Alegre, da meia-noite às seis horas, aos sábados e domingos. Há previsão de quando seja aprovado e entre em vigência? O que a comunidade pode esperar?

**Sebenelo** – Estamos solicitando o “artigo 81” que, em “parlamentês”, quer dizer urgência, sem passar por todas as comissões. Queremos a sua vigência o mais breve possível. A comunidade pode esperar a diminuição acentuada das constrangedoras estatísticas na segurança (homicídios e tentativas de homicídios) e do trânsito, com níveis insuportáveis de mortalidade crescentes.

**JU** – No texto do projeto há outras especificações quanto ao consumo de álcool? Por que sua vigência é importante?

**Sebenelo** – Primeiro, porque alguma tentativa tem que ser posta em execução, isto é, não podemos cruzar os braços. Segundo, porque não podemos errar na metodologia de trabalho, já que há um compromisso do atual secretário de Segurança e da governadora, com o rigor científico e a confiabilidade acadêmica. Por isso, é



DIVULGAÇÃO/CÂMARA

fundamental a inserção da assim chamada “Lei Seca”, entre outras 20 e tantas iniciativas e não como uma medida isolada. Finalmente, não há outras especificações quanto ao consumo de álcool. A vigência é importante, porque flagra a ingestão de bebidas alcoólicas como desencadeante de criminalidade e delitos no trânsito, busca diminuir sua venda apenas nos horários de maior incidência dessas verdadeiras sociopatias e tenta, desta forma, sem fechar os estabelecimentos comerciais e incluída num extenso elenco de outras iniciativas, estabelecer uma “Política Estadual de Segurança”.

**JU** – De acordo com informações

divulgadas, seu projeto foi elaborado conforme a sugestão da Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul. Como fica a tramitação caso a “Lei Seca” seja adotada em todo o estado?

**Sebenelo** – As colocações do secretário Malmann destacaram a iniciativa de inibição do consumo de álcool nos fins-de-semana como uma atitude municipal. Os dez municípios da grande Porto Alegre ressaltados o foram porque mais ou menos 60% dos homicídios aí se localizam, sendo que os outros 40% distribuem-se entre os 487 municípios restantes. Mesmo considerando-se uma possível superposição da iniciativa das cidades com a do Estado pela Assembléia Legislativa, é aconselhável, pela diversidade geográfica, ambiental e de distribuição dos aglomerados populacionais, que as diferenças entre regiões sejam solucionadas por cada cidade, adaptando a lei às suas características.

**JU** – Especialistas da área dizem que a lei por si só não é eficaz. Mas o senhor declarou que confia no êxito do projeto, pois a medida não pode ser considerada isoladamente. Que outras iniciativas devem ser tomadas para que a restrição atinja seu fim?

**Sebenelo** – Entre outras iniciativas: investimento em “intelligentsia” policial; reaproveitamento e racionalização do uso da Brigada Militar e Polícia Civil, da Guarda Municipal e do controle de trânsito nas grandes cidades; trabalho junto à Bancada Federal do RS na busca de recursos especiais para a

área; fiscalização intensa e permanente nas zonas de maior incidência de criminalidade com constante mapeamento; “blitzes” em locais estratégicos, variáveis e incertos, no sentido da prevenção; as questões de policiamento ostensivo e repressão devem ser incrementadas, mas usadas sempre dentro da lei e de seus princípios republicanos e democratas; guerra ao narcotráfico! Por outro lado, considero inadmissível citar os itens educação, transporte e comunicação, há muito abandonados, como solução a curto e longo prazo.

**JU** – Há diálogo, neste momento, com os proprietários de estabelecimentos que comercializam bebidas alcoólicas? Alguma orientação para quem teria seus negócios prejudicados?

**Sebenelo** – Em 17 de setembro, participei de reunião com os proprietários de bares, restaurantes e representantes sindicais, que obviamente estão contra a lei que os obriga a fechar seus estabelecimentos durante 12 horas nos finais-de-semana. Comprometi-me, no entanto, a manter contato permanente e aceitar sugestões, modificações e emendas que venham a minimizar os efeitos da lei em debate para o setor comercial. As questões alegadas de desemprego devem ser corrigidas em sua causa. Quando a revista da Fundação Estadual e Economia e Estatística (FEEE), da Secretaria de Trabalho e Assistência Social, acusa 271 mil desempregados na região metropolitana de Porto Alegre, a razão está relacionada à insuficiente Política Nacional de Desenvolvimento e nunca à proibição da venda de bebidas alcoólicas.

## Saiba mais:

[www.cpad.org.br/](http://www.cpad.org.br/)  
[www.abead.com.br/](http://www.abead.com.br/)  
[www.senad.gov.br/](http://www.senad.gov.br/)

## O álcool no cinema

**DESPEDIDA EM LAS VEGAS** (“Leaving Las Vegas”, EUA, 1995, 112 min., cor) O diretor Mike Figgis desenvolve o drama de um roteirista alcoólatra que perde seu emprego em Los Angeles e decide dirigir até Las Vegas, onde pretende beber até morrer.

**28 DIAS** (“28 Days”, EUA, 2000, 103 min., cor) Betty Thomas mostra nessa obra o interior de uma clínica de reabilitação, onde a personagem de Sandra Bullock, uma escritora nova-iorquina, tem de ficar por 28 dias após causar um acidente dirigindo embriagada.

**A CORRENTE DO BEM** (“Pay It Forward”, EUA, 2000, 115 min., cor.), direção de Mimi Leder. Um garoto aceita o desafio de seu professor de Estudos Sociais (Kevin Spacey, na foto abaixo com Helen Hunt) de criar algo que pudesse mudar o mundo e inventa o jogo “pay it forward”, em que cada favor recebido deve ser retribuído a três outras pessoas.



DIVULGAÇÃO

# Diversidade lingüística num país monolíngüe

## Cultura

*Fórum na UFRGS discutiu línguas minoritárias e as políticas que afetam seu ensino e sobrevivência*

Jacira Cabral da Silveira

No Brasil são faladas cerca de 210 línguas diferentes, mas nos definimos como um país monolíngüe. Tal diversidade já esteve mais amplamente contemplada no ensino de línguas no país. Durante o Império, por exemplo, os alunos estudavam, no mínimo, quatro línguas no ensino secundário, podendo chegar a cinco ou seis. Tirando o latim e o grego, introduzido na educação brasileira através dos jesuítas, constavam também aulas de francês, alemão e italiano, como contribuição dos imigrantes.

De 17 a 20 de julho, a UFRGS sediou o I Fórum Internacional da Diversidade Lingüística, organizado pelo Instituto de Letras da Universidade e tendo como principal parceiro o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística (Ipol). A preocupação prioritária dos organizadores foi refletir sobre a política do ensino de línguas estrangeiras no Brasil no contexto da globalização.

Na avaliação do idealizador do encontro, professor Cléo Vilson Altenhofen, os debates convergiram para a idéia de que a diversidade lingüística de um país constitui riqueza nacional: "Para os especialistas, as línguas dos imigrantes não devem ser consideradas como estrangeiras, mas como patrimônio cultural". O coordenador geral do Ipol, Gilvan Müller de Oliveira, destacou o ineditismo do encontro que trouxe para o meio universitário os falantes das línguas minoritárias.

"Até hoje a universidade tem falado sobre as línguas, mas no Fórum as pessoas conversaram a partir das línguas. Os falantes estão chegando pela primeira vez no meio acadêmico", comemora Gilvan. Segundo ele, este movimento aponta para um começo de mudança na estrutura universitária, no qual ela deixa de tomar a sociedade como informante para torná-la parceira. Além das palestras e debates, foram promovidos encontros com falantes de 13 línguas minoritárias, entre elas: pomerano, kaingang, vestfaliano, japonês e usuários da linguagem brasileira de sinais (Libras).

Para a professora e membro da coordenação do evento, Christine Siqueira Nicolaides, o paradoxo da globalização carregava o mito de que todas as culturas seriam pasteurizadas.

"O que vemos, entretanto, parece o contrário, as raízes culturais estão cada vez mais reforçadas", analisa. De acordo com ela, o fenômeno ocorre porque, ao entrarmos em contato com outras culturas, nos damos conta de nossa própria identidade.

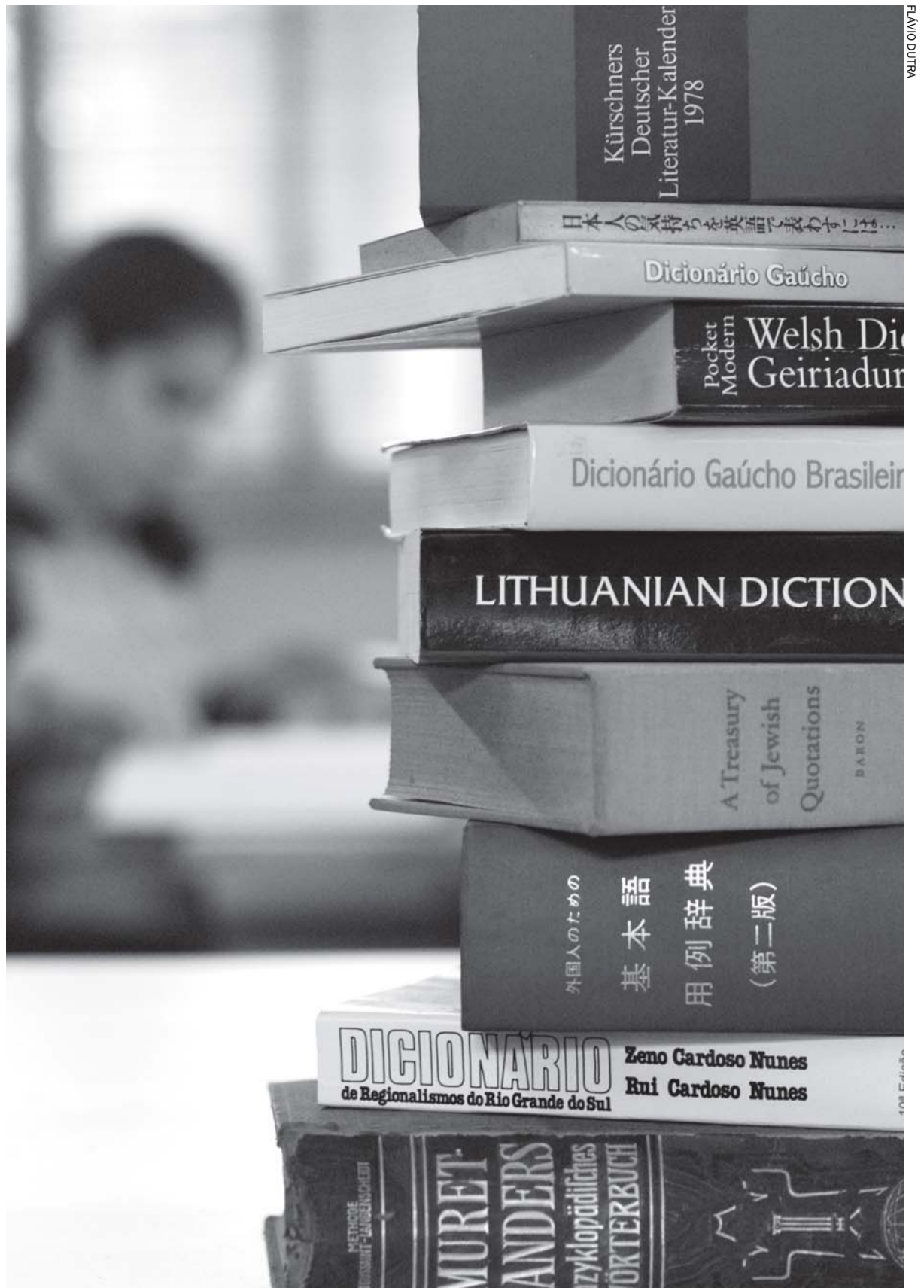
Este reconhecimento de si a partir da tomada de consciência do outro enquanto cultura contribui para o professor trabalhar um dos grandes conflitos mundiais que é a falta de respeito entre as diferenças. "E isso tem tudo a ver com a educação, devemos aprender a respeitar as diferenças. Diversidade lingüística, hábitos, opção sexual." Nesse sentido, Christine entende que o papel do educador é contribuir para que as pessoas afluam suas identidades e aprendam a conviver em paz umas com as outras.

Entretanto, Cléo Altenhofen comenta que, tanto no passado quanto hoje, os currículos são montados; a educação é gerenciada; os professores são preparados; metas e prioridades educacionais são definidas sem que se leve em conta a existência nas comunidades escolares de crianças que falam outros idiomas. Conforme o professor, essa é uma atitude lingüicida e a omissão ocorre também do lado dos falantes, que sequer se dão conta desse descaso.

**Política de extermínio** – De acordo com Gilvan Müller de Oliveira, historicamente o Estado brasileiro procurou acabar com as línguas minoritárias. "A política lingüística no Brasil foi para circunscrever esse funcionamento a uma única língua: o português", critica. Segundo ele, a política brasileira mandou queimar bibliotecas e rádios que transmitiam em outros idiomas. Entretanto, isso começou a mudar a partir de 1988 com a emergência dos movimentos sociais e a redemocratização do país. "Hoje, movimentos sociais, como os quilombolas, reivindicam o direito de serem reconhecidos".

O coordenador do Ipol destaca ainda outros movimentos de falantes no Brasil que resistem de forma organizada: o hipomerano, no Espírito Santo; as federações indígenas, na Amazônia; a organização dos falantes de hunsrückisch, no Rio Grande do Sul. Segundo Gilvan, há uma multiplicidade de movimentos que têm ocupado lugar na mídia, discutindo leis e pressionando as secretarias de educação. "Cada um, na sua luta, tem conseguido levar adiante uma política de transformação do país de um quadro monolíngüe, para um plurilingüe", observa.

O lingüista acredita que o país só tem a ganhar quando sua cidadania participa socialmente: "A nação ganha cidadãos, e as pessoas a possibilidade de exercer seus direitos culturais e lingüísticos. O mundo adquire múltiplas tradições de pensamentos, que se estruturam pela multiplicidade de línguas e que são capazes de trabalhar pela sustentabilidade", conclui.



## Línguas minoritárias serão tema em Brasília

No próximo dia 25 de outubro, a Câmara de Deputados realizará audiência pública sobre a diversidade lingüística brasileira. Na ocasião, será apresentado relatório do grupo de trabalho constituído para traçar estratégias de implantação de políticas públicas que atendam às demandas dos bilíngües brasileiros, cujas culturas contribuíram para a formação de nossa identidade cultural.

Assim como no I Fórum Internacional da Diversidade Lingüística, desenvolvido em Porto Alegre, serão convidados para os debates na Câmara falantes de línguas minoritárias. Segundo o professor Cléo Altenhofen, que participará da audiência, é grande a expectativa com relação à reunião no sentido do re-

conhecimento da vivacidade lingüística brasileira. De acordo com ele, a presença dos ministros de Cultura, Educação, Ciência e Tecnologia ou de seus representantes justifica este sentimento positivo.

Como o IBGE foi convidado a participar das reuniões do grupo de trabalho da Comissão de Educação da Câmara, Cléo espera que o Censo de 2010 volte a incluir a pergunta: que outra língua se fala no lar? Para ele, tal registro é importante para o reconhecimento das línguas e futuras políticas lingüísticas a serem adotadas no país. Ele argumenta que o reconhecimento legal das línguas minoritárias é fundamental para o enfrentamento da discriminação que os falantes ainda sofrem no Brasil.

## O que é

### EDUCAÇÃO LINGÜÍSTICA

A educação para o indivíduo movimentar-se no mundo da linguagem e no mundo das línguas, evitando os preconceitos. Ser educado lingüisticamente é mover-se dentro de uma concepção pluralista de língua.

### POLÍTICA LINGÜÍSTICA

Área de estudo desenvolvida na década de 1960 e que trata das políticas sobre as línguas e seus usos na sociedade. Ela está na base da ação dos Estados a respeito das línguas, já que a presença e os usos das línguas em cada situação é uma questão política e constante-

mente permeada de conflitos e negociações.

### POLÍTICA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

Criado em 1999, o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (Ipol), presidido atualmente pelo professor Gilvan Müller de Oliveira, reúne profissionais de diversas áreas do conhecimento, para realizar projetos de interesse político-lingüístico. A política lingüística no Brasil como área iniciou em 2006 com a criação da linha de pesquisa em política lingüística no Programa de Pós-graduação do Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

## O ensino de idiomas no Brasil

**PERÍODO COLONIAL** – predominavam as disciplinas do grego e do latim.

**REFORMA DE 1855** – o ensino das línguas modernas passa a ter status das clássicas na escola secundária.

**PERÍODO IMPERIAL** – aprendia-se de quatro a seis línguas no ensino secundário: grego, latim, francês, inglês, alemão e italiano.

**PRIMEIRA REPÚBLICA** – o ensino do grego desaparece; o italiano não é oferecido ou é facultativo; o inglês e o alemão são oferecidos de modo exclusivo.

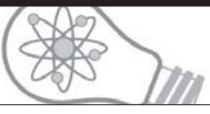
**REFORMA DE CAPANEMA (1942)** – do ginásio ao científico ou clássico, todos estudavam latim, francês, inglês e espanhol. São os anos dourados das línguas estrangeiras.

**LEI DE DIRETRIZES E BASES (LDB) DE 1961** – o ensino de língua estrangeira é de responsabilidade dos conselhos estaduais de educação. O latim desaparece, o francês diminuído, e o inglês permaneceu inalterado.

**LDB DE 1971** – ênfase à habilitação profissional; reduz-se um ano de escolaridade e as horas de ensino de língua estrangeira.

**LDB DE 1996** – torna-se obrigatório o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna a partir da quinta série e uma outra opcional no ensino médio.

Fonte: *O ensino das línguas estrangeiras no contexto nacional, de Vilson J. Leffa, Universidade Católica de Pelotas*



**Tecnologia** Professores avaliam as possibilidades de aprendizado oferecidas por novos programas

# Conhecimento ampliado



Ânia Chala

Pense na possibilidade de ter o mundo dentro do seu computador, acessando imagens dos lugares mais importantes do planeta, e dos menos importantes também. Conhecer cidades, ver monumentos históricos, percorrer o trajeto desde a sua casa até o Campus do Vale ou viajar sem sair da cadeira desde Porto Alegre até Montevideú. Imagine ainda poder explorar o espaço e ver as estrelas a partir de determi-

nados pontos da Terra, observando maravilhas astronômicas como a Nebulosa do Caranguejo (Crab Nebula) ou os restos em expansão de uma supernova que fica a 6,3 mil anos-luz de nosso planeta. Tudo isso é possível com a utilização de três programas de computador: *Google Earth*, *Google Maps* e *Google Sky*.

Lançado há poucos meses como o membro mais novo da família Google, o *Sky* usa imagens em alta resolução de diversos observatórios espaciais, incluindo o *Space Te-*

*lescope Science Institute*, o *Digital Sky Survey Consortium*, o *Palomar Observatory*, o *Astronomy Technology Center*, no Reino Unido; além do telescópio espacial Hubble, da Agência Espacial Norte-americana (Nasa). Seu acervo de imagens cobre 100 milhões de estrelas e 200 milhões de galáxias, utilizando sobreposições de constelações inteiras, como a de Leão, ilustram as fases da Lua e mostram como os planetas visíveis da Terra orbitam ao longo de dois meses.

Os *softwares*, que podem ser

acessados gratuitamente através do site <http://earth.google.com/> constituem-se em ferramentas úteis, divertidas e repletas de recursos. Mas em que medida sua disponibilidade na rede mundial de computadores afeta o ensino? Como essas ferramentas podem ser utilizadas em sala de aula? Para responder a essas questões, o Jornal da Universidade convidou os professores Dirce Maria Surtegaray, do Departamento de Geografia; e Jorge Ducati, do Departamento de Astronomia.

## Jorge Ducati Google Sky Perspectivas para o ensino de Astronomia

E, porque não dizer, para a difusão dos conhecimentos astronômicos à população em geral. O que o *Google Sky* traz de novo? Traz informação integrada, para acesso muito rápido e prático: à semelhança do *Google Earth*, todo o céu está disponível para navegação e funções de aumento (zoom), e para muitos astros, há textos explicativos.

Informação sobre o céu já podia ser encontrada na Internet, nas páginas de observatórios, agências espaciais, e outras instituições; ou seja, o aficionado ou o estudante há muito podem acessar a rede para suas necessidades ou interesses. O *Google Sky* é um passo a mais, no sentido de alcançar o potencial interessado, ou seja, aquela pessoa que já tem uma semente de interesse em Astronomia.

Nossa experiência de educador nos dá a percepção de que cada um tem interesses particulares, e o papel do professor é potencializá-los. Neste aspecto, o *Google* é um canal para a pesquisa pessoal, propiciando a formulação de perguntas e antecedendo estudos mais aprofundados.

É importante ressaltar que o melhor uso do *Google Sky* implica em algum conhecimento prévio de Astronomia, para melhor compreensão da maioria dos textos, e mesmo para captar o sentido da navegação pelo céu. Mas também pode representar, para aquele jovem que está despertando para o mundo, olhando para todos os lados, o impulso para uma futura vocação. A maioria dos astrônomos já gostava de Astronomia na infância, e o *Google Sky* pode ser um catalisador de futuros pesquisadores.

Dirce Maria A. Surtegaray

## Google Earth e Google Maps no ensino da Geografia

A Geografia reconhecida como aquela que estuda a superfície terrestre pode ser entendida de duas formas: como ação de descrever a Terra ou como ação de grafar a Terra. Nos dois casos utilizaram-se diferentes formas de apreensão do espaço geográfico. Na sua origem, o trabalho de campo calcado na observação da paisagem, foi o procedimento fundamental de investigação. Este fortaleceu a idéia de que a paisagem é aquilo que a vista alcança. Portanto, trata-se de captar a materialidade do mundo pela visão.

Com o tempo, o desenvolvimento científico colocou à disposição novas tecnologias. Dos anos 50 até os anos 80 do século XX tivemos, com o advento da fotografia aérea, a possibilidade de observar a paisagem de "cima" e em terceira dimensão. Essa nova ferramenta ampliou o campo de visão e, sem dúvida, o conhecimento do espaço geográfico. Desde os anos 1980, o uso da imagem por sensores remotos per-

mitiu-nos visualizar a paisagem dos pontos mais distantes da superfície da Terra.

O *Google Earth* e o *Google Maps* são exemplos dessa possibilidade. O *Google Earth* utiliza-se de imagens do satélite Landsat com resolução espacial de 30m que, associadas ao sensor Quick Bird, permitem a visualização com resolução espacial de 1m. É possível, ao "navegar", deslocar-se planetariamente. O deslocamento horizontal e vertical oferecido pelo programa possibilita a ampliação e ou redução da escala geográfica de observação, desde o global ao local. Com isto, vive-se a experiência sensível de um conceito, por vezes difícil de ser apreendido pelos estudantes, o conceito de escala geográfica. Amplia-se a percepção sobre o planeta das diferentes configurações e formas da Terra, naturais ou produzidas pelo homem. E, também, visualiza-se a dimensão escalar. Torna-se visível desde a floresta à árvore,

do continente à cidade, à rua, à casa.

O *Google Maps*, especificamente, possibilita ainda localizar casas, instituições, empresas, além de organizar roteiros e favorecer o deslocamento no espaço, oferecendo trajetos mais curtos e rápidos.

Mesmo com essas possibilidades, o trabalho de campo na Geografia permanece fundamental. A imagem do *Google Earth*, associada às plantas das cidades e à elaboração de trajetos através do uso do *Google Maps*, nos aproxima de realidades distantes. Porém, não nos permite compreender os processos naturais e sociais, ou ainda, perceber a vida pulsando, sob suas variadas dimensões, nos diferentes lugares. Essa compreensão, para além do que se materializa na imagem, é também de interesse da Geografia.

Ambas as ferramentas são valiosas para o ensino da Geografia. No entanto, apesar do acesso fácil para um conjunto de crianças e adultos das classes média e alta, esses recur-

sos permanecem inacessíveis para a maioria das nossas escolas de ensino fundamental e médio, nas quais faltam equipamentos de suporte (computadores e acesso à Internet). Como estamos longe da inclusão digital, seu uso como instrumental didático é limitado. Além disso, antes de utilizarmos essas novas tecnologias no ensino caberia, também, pensar se a sala de aula na sua forma clássica, ainda tão presente nas escolas, comporta uma aprendizagem tão dinâmica e interativa como esses instrumentos podem oferecer. Essas novas formas de observar despertam curiosidades pelos lugares e podem evidentemente ampliar o interesse pela área. Contudo, para romper com a visão ainda clássica de Geografia, sempre é bom alertar que olhar a Terra, mesmo com tecnologias de ponta, não basta para conhecê-la.

Professora do Departamento de Geografia, Instituto de Geociências - UFRGS

Professor do Departamento de Astronomia, Instituto de Física - UFRGS



# Diploma de escritor?

## Tendência

**Oficinas literárias multiplicam-se, enquanto professoras da UFRGS projetam curso acadêmico de Escrita Criativa**

Marcelo Spalding

UFRGS, PUCRS, Uniritter, Unisinos, Café do Porto, Instituto Fernando Pessoa, Palavraria, AJURIS, Sintrajufers, Auxílio ao Tema, residência de Cíntia Moscovich: eis uma breve relação de alguns locais de Porto Alegre que oferecem cursos de criação literária, de oficinas a mestrado *lato sensu*. São jovens, aposentados, médicos, jornalistas, donas-de-casa, cineastas, loucos, são, mães, avós, filhas, pessoas que se reúnem todo mês para produzir e discutir literatura, eliminar ecos, rimas e clichês de seus singelos textos ficcionais.

Tanta produção suscita discussões polêmicas, mas também exibe resultados práticos e evidentes. O primeiro deles: a cada ano o Prêmio Jabuti apresenta mais um grande escritor, invariavelmente saído de uma oficina literária e, em 2007, não foi diferente com o inesperado prêmio de Leonardo Brasiense, santa-mariense que venceu na categoria Infante-juvenil. O mesmo ocorreu com Cíntia Moscovich, Daniel Galera, Letícia Wierschoski, Amílcar Bettega Barbosa, Caio Riter, Christina Dias, Michel Laub, gaúchos que ganharam projeção nacional, vencendo prêmios e/ou sendo acolhidos por grandes editoras, depois de passarem por oficinas literárias.

Luiz Antônio de Assis Brasil, que há 22 anos ministra a reconhecida Oficina de Criação Literária do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS, orgulha-se em dizer que “não há nada parecido em nenhuma outra cidade brasileira”. E se o começo foi singelo, hoje, a PUCRS tem um mestrado em Escrita Criativa, que em 2008 formará seus três primeiros mestres.

Também a Unisinos, no ano passado, transformou o conceito de oficina em graduação, com o Curso de Formação de Escritores e Agentes Literários. O poeta Fabrício Carpinejar, que coordena o curso ao lado da professora Márcia Lopes Duarte, diz que o objetivo é formar “escritores empreendedores, com conhecimento e prática em todos os gêneros, alimentando a aproximação salutar da oralidade e da contação de histórias”.

À época do lançamento, a proposta suscitou polêmica no meio literário devido ao preço da mensalidade e a sua promessa de formar escritores. De certo a questão só surgiu porque uma universidade levou para o conservador ambiente acadêmico a idéia de formação de escritores, mas a discussão bem



Oficineiros aprendem técnicas sobre o processo de escrita

poderia se estender para todo esse movimento de oficinas: será possível alguém se tornar escritor? Será possível formar escritores?

Carpinejar, acostumado com tal questionamento, começa citando Faulkner, para quem literatura seria “99% disciplina, para não apagar o 1% de inspiração”. E reafirma que o talento surge pelo aprendizado, pela insistência: “quem sabe tudo não precisa nem de leitor”. Caio Riter, escritor, professor e oficinairo, é mais ponderado, dizendo que as oficinas capacitam o escritor dando-lhe maior conhecimento sobre o processo de escrita, mas, “se formasse escritores, todos os oriundos de oficinas literárias seriam escritores, o que não é fato.” Jane Tutikian, professora do Instituto de Letras da UFRGS, escritora nacionalmente reconhecida e, claro, oficinaira, concorda com Riter: “não se ensina alguém a ser escritor, como não se ensina a ser artista, o que se ensina é técnica, e técnica pode ser aprendida, mas ser escritor é uma opção pessoal”.

Ao lado da também professora do Instituto de Letras Márcia Ivana de Lima e Silva, Jane levou neste ano a idéia da criação literária para dentro do curso de graduação em Letras, mi-

nistrando uma cadeira específica do tema. Na pós-graduação, as professoras têm se orgulhado de orientar dissertações que são na verdade peças ficcionais, como o romance *Desamparo*, de Altair Martins, apresentado em banca no final do ano passado. “Pensamos num mestrado em Escrita Criativa. Temos discutindo isso já há algum tempo, mas há outras possibilidades também, como uma ênfase – aí estou falando da graduação – em Criação Literária”, afirma Jane.

Desta forma, lentamente, o que antes era uma reunião de poucos amantes da literatura em torno de seus textos se torna matéria acadêmica oficial e chega às portas de uma instituição federal, talvez seguindo o mesmo caminho dos Estados Unidos, onde, segundo Assis Brasil, há centenas de oficinas, quase todas vinculadas a universidades através de mestrados e alguns doutorados, como o da Universidade de Salt Lake City. E se não forem suficientes para formar Ericos ou Quintanas, que pelo menos formem leitores e mais leitores, pois por enquanto leitor é o que falta para o país e para as centenas de egressos de oficinas.

## “Porto Alegre é a cidade das oficinas”

Entrevista com a escritora Cíntia Moscovich, mestre em Teoria Literária com um trabalho sobre a criação contística em alunos de oficina e a mais nova oficina da cidade.

### Qual a importância para quem gosta de escrever de passar por uma oficina literária?

Escrever por escrever, todo mundo escreve. Mas escrever literatura requer certa disciplina, certo saber-fazer. Eu sempre escrevi bem, no sentido de escrever corretamente. Mas isso, claro, nunca foi o suficiente. A oficina de Criação Literária da PUCRS foi essencial na minha vida e na minha carreira. Primeiro, porque perdi toda a inocência e a crença de que escrever dependia da vontade dos deuses e de alguma inspiração soprada no ouvido. Segundo, porque a oficina, com a preocupação de instrumentalizar seus alunos, me muniu de recursos estupendos, cujo conhecimento só

me viria ao cabo de muitos anos de tentativas e erros (claro que eu continuo errando. Mas errando menos, acredito). Terceiro, porque me propiciou convivência com pessoas que tinham a mesma inquietação: algumas delas, como Michel Laub, são meus amigos e companheiros até agora. Quarto, porque conheci um dos seres humanos mais fantásticos sobre a terra, o Assis Brasil, que me ensinou a modéstia. Sem a humanidade que ele ensina, ninguém aprenderia nada.

### Tu achas que é possível formar escritores?

Talvez. Se a pessoa tiver paciência e uma certa habilidade, pode-se ter um escritor. Mas existe uma variante que, mesmo não sendo universal, deve ser reconhecida. Pode-se chamar a essa constante-variante de “dom”, “talento”, “vocação”, o que for. A verdade é que um escritor precisa unir a técnica a esse, diga-

mos, “algo mais”. O “algo mais” sozinho, no entanto, não determina que se seja escritor. E deve ser constantemente alimentado.

### A que tu atribuis a onda de oficinas literárias que temos pela cidade, hoje?

Pois é, já me perguntei isso. Vou me repetir: o grande canal, o grande começo, o grande barato é a Oficina do Assis, que está há 22 anos ininterruptos em funcionamento. Isso gera um clima na cidade, aliado às movimentações culturais, que não são poucas. Vivemos do lado dos países platinos, temos colonização variada, nosso clima é frio e quente, somos meio diferentes do resto do país. Nós temos, aqui no Sul e no resto do Brasil, cidades especializadas em algumas coisas: a Cidade dos Moranguinhos, a Cidade do Chocolate, a Cidade das Pedras, e por aí vamos. Porto Alegre é a Cidade das Oficinas.

## Resenhas

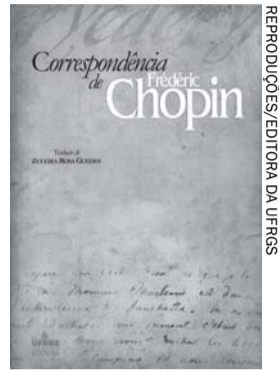
Por Caroline da Silva

### Cartas de Chopin

“Uma biografia viva, escrita pelo próprio herói”, é assim que Bronilas-Édouard Sydow, responsável por *Correspondance de Frédéric Chopin*, caracteriza o livro. A versão original, em três volumes, foi lançada em Paris em 1981. A publicação que a Editora da UFRGS traz, embora condensada, é uma iniciativa inédita, sendo a primeira tradução da edição francesa, a cargo da professora Zuleika Rosa Guedes.

Além do caráter documental das cartas que fornecem indícios sobre o homem, a obra, o meio e a época em que Chopin viveu, elas traduzem a personalidade do compositor polonês. Segundo Sydow são escritos espontâneos e vibrantes, que também contribuem para um estudo de musicologia: “Elas o mostram transbordante de afeição e de solicitude por sua família, venerando seu país, de uma intransigente consciência artística, profundamente bom e devotado, tanto na amizade como no amor, espiritual, apaixonado e terno, sem rodeios ou cálculos de nenhuma espécie”. O editor diz que o intuito era transformar essa compilação em um verdadeiro instrumento de documentação, e que para tal foi necessário pacientes pesquisas e intenso trabalho.

Chopin viveu de 1810 a 1849, quando veio a falecer de tuberculose em Paris. Deixou uma obra genial, criando um novo estilo pianístico. Seus *scherzi*, expressões de humorismo característico, cáustico, sarcástico, desesperado, contrariavam o romantismo melancólico vigente, e seus prelúdios eram expressões de um pessimismo desolado. As inovações harmônicas do compositor intimista iriam influenciar outros expoentes da música clássica. Tinha fama de músico aristocrático, mas suas composições posteriormente se tornaram populares. Esta publicação é uma oportunidade do leitor recriar seu próprio Chopin e não o que foi vendido através dos tempos.

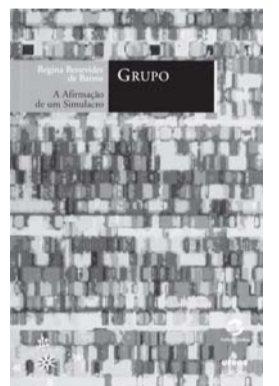


**CORRESPONDÊNCIA DE FRÉDÉRIC CHOPIN**  
Ed. UFRGS, 2007,  
702 págs., R\$ 61\*,  
traduzido por Zuleika  
Rosa Guedes

REPRODUÇÕES/EDITORA DA UFRGS

## Grupo = simulacro

Enfim vira livro a tese de doutorado da psicóloga e professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Regina Benevides de Barros. A doutora em Psicologia defendeu o texto *Grupo: a afirmação de um simulacro*, orientado por Suelly Rolnik, no Núcleo de Subjetividade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1994 e agora teve a oportunidade de publicá-la a convite da professora da UFRGS, Tânia Mara Galli Fonseca, coordenadora da coleção Cartografias



**GRUPO: A AFIRMAÇÃO DE UM SIMULACRO**  
Ed. UFRGS/Sulina,  
2007, 350 págs.,  
R\$ 47\*, de Regina  
Benevides de Barros

da Editora da Universidade. Propondo uma perspectiva da Filosofia da Diferença, este livro toma o grupo como objeto de estudo: a experiência do coletivo em análise. Objeto este que se situa no limiar entre a clínica e a política, segundo a autora.

Uma das coisas interessantes ao se considerar o grupo como foco da apreciação é que ele também vira sujeito, e uma de suas especificidades é que atua de maneira autônoma, criando suas próprias normas. Regina ampara-se em Deleuze e Guattari, trabalhando com um conceito de “devir-grupo”. Para Eduardo Passos, que apresenta a obra, “devir-grupo é experimentar para além do grupo identitário, conectando os fluxos informais que se atravessam na zona de virtualidades existenciais”. Com uma fórmula que se diferencia do texto acadêmico convencional, a edição problematiza os conceitos de massa e opinião pública, inconsciente e imaginário grupal, objetivação/subjetivação, até chegar nas linhas de psicoterapia, área que lhe motivou desde o princípio.

\*Preços nas Livrarias da UFRGS ([www.livraria.ufrgs.br](http://www.livraria.ufrgs.br))

# Preservação das línguas e globalização

Éda Heloisa Pilla \*

Há quem pense que a integração ao sistema mundial leva, *ipso facto*, à aceitação da perda da identidade e da cultura, ou seja, a globalização traria prejuízo às especificidades e à sobrevivência das identidades culturais e lingüísticas.

Mas, comecemos pelos pontos colocados no título. A língua se define como o conjunto de signos (palavras) aos quais os membros de um grupo atribuem o mesmo sentido para se comunicar entre si e assegurar o entendimento dentro do grupo. Ela é inerentemente ideológica, na medida em que expressa idéias que são o resultado de processos históricos, políticos e sociais únicos, bem como de todo o conhecimento gerado por uma comunidade.

De saída, vemos que língua e cultura são partes indissociáveis, considerando que é a cultura de uma comunidade que determina a sua forma de classificar e interpretar a realidade que lhe é pertinente, dando um nome a tudo o que ela percebe ou concebe.

Ao aprender a sua língua materna, portanto, o falante já estará absorvendo a cultura subjacente a ela, bem como uma visão-de-mundo complexa, que reflete o modo como essa comunidade lida com seus problemas, formula seu pensamento e sua filosofia, e organiza sua vida social. A soma das palavras de uma língua, que são relacionadas e interdependentes (pois uma palavra é sempre o que as outras não são), compõe uma estrutura ou um sistema lingüístico coerente e harmônico. Nisso consiste a identidade da língua.

O conjunto de todas as línguas do mundo, se todas tivessem sido preservadas com o mesmo peso e representatividade, seria o ideal de diversidade lingüística. Neste ponto, a comparação com a ecologia acaba sendo inevi-

**Letras**  
A adoção de palavras estrangeiras dificulta a comunicação



tável, e serve para comprovar que é na diversidade que está o potencial para a adaptação, a tolerância, a criatividade e a sobrevivência, sendo que da uniformidade provém a inflexibilidade e a inadaptabilidade; uma ameaça inimaginável ao futuro.

Infelizmente, hoje, uma onda homogeneizadora está tornando esse perigo cada vez mais real. O atual *status quo* econômico impõe sanções a determinadas línguas, de formas muito diversas e sub-reptícias. Submetidos aos atuais processos político-econômicos, países pobres e em desenvolvimento não conseguem ficar ilesos às transformações estruturais impostas pelos países ricos, que extrapolam a área meramente econômica.

Obviamente, seria uma forma de fundamentalismo cultural sugerir que tudo se mantenha como está, e não permitir que haja desenvolvimento. Entretanto, existe uma causa legítima de preocupação com relação ao modo indiscriminado com que as culturas vêm sendo minadas, em um mundo cada vez mais unido por laços econômicos.

As línguas não escapam a esse processo. Ao contrário, têm sido coadjuvantes. Todo conhecimento, produtos, serviços, técnicas, ciência e tecnologia que importamos vêm acompanhados de literatura em língua inglesa. Muitas palavras do inglês estão sendo incorporadas ao português. Em alguns casos, a desculpa é a de que

elas nomeiam conceitos novos para os quais ainda não possuímos equivalentes, no entanto isso também se verifica em inúmeros casos em que elas poderiam ser facilmente traduzidas, e não o são.

A adoção de palavras estrangeiras pelo português nega todos aqueles princípios colocados no início desse artigo. Elas estão em desarmonia com a ideologia local, pois são geradas em outro meio lingüístico imbuído de outros valores. Elas subvertem o ambiente onde se estabelecem, seja por impor a ideologia que trazem consigo, seja por entrar em conflito com a já existente. Elas se apropriam de nichos conceituais que por natureza não lhes pertencem, preenchem nossos

espaços com valores espúrios e não facilitam a comunicação, pelo contrário, excluem a maioria dos brasileiros. Elas também empobrecem a nossa língua, por não permitirem que nosso léxico se expanda usando seus próprios recursos. As palavras do inglês sequer se adaptam ao nosso sistema fonológico e não podem ser pronunciadas de acordo com nossas normas fonéticas. Por fim, comprometem a identidade da língua, e isso em nada contribui para a preservação das diversidades lingüísticas.

Existe um consenso entre os lingüistas de que todas as línguas, em princípio, têm capacidade de gerar as palavras que necessitam, quando for preciso. Afinal, foi assim que elas evoluíram e chegaram ao ponto onde estão. Como nas demais línguas, nós também podemos criar nossas próprias palavras, pois dispomos dos recursos lingüísticos necessários para isso. Para o êxito desse processo, teríamos que contar com a participação de uma massa falante conscientizada e que colaborasse no uso e difusão das novas palavras criadas. Seria importante, também, a instituição de políticas públicas que incentivem representações positivas sobre a nossa língua, e desestimulem crenças como a da superioridade lingüística, ou seja, percepções de uma inferioridade lingüística de certas línguas em relação a outras consideradas como modelos a serem assimilados.

A preservação da integridade de nossa língua/cultura só depende de nossa interferência, da mesma forma que a instituição da globalização dependeu da decisão de um pequeno grupo em defesa de seus interesses econômicos. A diferença é que o nosso grupo é maior e nossa causa mais nobre.

\* Professora de Inglês do Departamento de Línguas Modernas da UFRGS

## Incentivo ao patrimônio cinematográfico

**Sétima arte**  
Estado está mais perto de ter sua cinemateca

Fatimarlei Lunardelli \*

Em setembro de 1997, o título "Gaúchos ainda brigam por sua cinemateca" abria texto no qual chamávamos a atenção para a orfandade na qual se encontrava a memória cinematográfica do Rio Grande do Sul, sem nenhum local onde pudesse ser preservada e consultada. Passados 10 anos, ainda não temos nossa cinemateca. Mas está bem mais perto!

Está prevista para o primeiro semestre de 2008 a inauguração da Cinemateca Capitólio, um projeto de iniciativa da Secretaria Municipal da Cultura, através da Coordenação de Cinema, Vídeo e Fotografia e as entidades gaúchas do setor do audiovisual, representadas na Fundação Cinema RS (Fundacine), com apoio da Associação dos Amigos do Cinema

Capitólio. O charmoso prédio do antigo Cine Capitólio, localizado na esquina da Demétrio Ribeiro com a Borges de Medeiros foi construído em 1928. Adquirido pelo município em 1995, foi tombado e destinado ao projeto da cinemateca em 2004. As obras de recuperação e reforma já consumiram R\$ 4,1 milhões, aplicados pela Petrobrás via Lei Rouanet. Ainda falta R\$ 1,5 milhão, que deverá vir do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

O prédio é patrimônio da cidade e o projeto da Cinemateca tem tudo para contribuir na revitalização de nossa área central. Os frequentadores terão à disposição livraria, cafeteria, biblioteca e centro de documentação e informação audiovisual. Cinco salas com projetores multimídia estarão disponíveis para a pesquisa, e um novo cinema de 188 lugares retomará a função original de exibição do Cine Capitólio.

São boas notícias, assim como a continuidade do funcionamento da Cinemateca Paulo Amorim, que no final de 2006 esteve ameaçada de fechamento. É conhecida a desigualdade de forças do mercado cinematográfico, ocupado em sua maioria pe-

los *blockbusters* americanos. Qualquer intenção de oferecer filmes de arte ou de outras cinematografias exige dos exibidores persistência e aportes econômicos extras.

É o que fazem o Guion Center, o Cine Santander e o Unibanco Arteplex. Este último, chegou a Porto Alegre trazendo o conceito de multiplex aplicado a filmes de arte. Isso significou a retirada do apoio do banco que antes viabilizava o funcionamento do circuito de salas da Casa de Cultura Mário Quintana. O fim do patrocínio foi um desastre, inviabilizando a continuidade do complexo.

Foi a mobilização da comunidade cinematográfica e a percepção por parte do governo estadual da importância deste circuito cultural que impediu o fechamento. No 35º Festival de Cinema de Gramado, realizado no mês de agosto passado, a secretária de Cultura Mônica Leal anunciou que o Banrisul irá patrocinar as atividades da Casa de Cultura Mário Quintana, incluindo as três salas de cinema, que já são patrimônio cultural da cidade.

\* Jornalista e coordenadora do Núcleo de Comunicação e Cinema da Fabico



Cinemateca Capitólio terá nova sala com 188 lugares

► Redação Juliano Tatsch | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br)

## DESTAQUE

# Quatro vezes Unimúsica

**Projeto apresenta espetáculo para crianças e edição especial do Sarau Elétrico**

Em outubro e novembro, a Pró-reitoria de Extensão da UFRGS apresenta diversas atividades para quem gosta de MPB. No dia 30 deste mês, será realizada uma edição especial para o projeto Unimúsica do Sarau Elétrico, conhecido evento cultural de Porto Alegre, que mistura literatura e música. Luís Augusto Fischer e Kátia Suman receberão os poetas e letristas Antonio Cícero e Paulo Neves para falar do vasto patrimônio lírico da canção popular brasileira. A apresentação musical ficará por conta de Nico Nicolaiewsky.

Na tarde de 31 de outubro é a vez das crianças acompanharem o Unimusiquinha, espetáculo musical dirigido ao público infantil com a Orquestra de Flautas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Heitor Villa-Lobos e os músicos Dudu Sperb, Leandro Maia e Pedro Figueiredo. Fundada há 15 anos, a orquestra é resultado de um trabalho de educação musical que já recebeu prêmios como o Lupicínio Rodrigues, da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, e o troféu de Defesa de Direitos Humanos no Rio Grande do Sul

concedido pela Unesco em parceria com a Assembléia Legislativa e a Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho. O grupo já realizou 595 concertos, reunindo um público superior a 120 mil pessoas.

O Unimúsica prossegue no mesmo dia, no estúdio principal da Rádio da Universidade, com o jornalista Arthur de Faria entrevistando a cantora carioca Mariana de Moraes e o compositor e violonista Gabriel Improta, artistas que, no dia seguinte, 1º de novembro, farão o espetáculo *Na linha de Vinicius de Moraes*, no Salão de Atos, apresentando a obra do poeta, avô de Mariana.

### Programação

**MARIANA DE MORAES APRESENTA "NA LINHA DE VINICIUS DE MORAIS"**  
Espetáculo musical com Mariana de Moraes e Gabriel Improta relembrando as obras de Vinicius de Moraes  
Data: 1º de novembro, quinta-feira  
Local e horário: Salão de Atos da UFRGS, às 19h  
Retirada de senhas no Museu da UFRGS, a partir do dia 29 de outubro, das 9h às 18h, mediante a doação de 1kg de alimento não perecível, ou através do agendamento no [site www.museu.ufrgs.br](http://www.museu.ufrgs.br)

**ENCONTRO COM MARIANA DE MORAES E GABRIEL IMPROTA**  
Arthur de Faria entrevista Mariana de Moraes e o violonista Gabriel Improta  
Inscrições no Museu da UFRGS, com vagas limitadas.  
Data: 31 de outubro, quarta-feira  
Local e horário: estúdio principal da Rádio da Universidade, às 17h30min  
Entrada franca



Mariana de Moraes se apresentará dia 1º de novembro

**UNIMUSIQUINHA**  
Espetáculo musical dirigido ao público infantil com a Orquestra de Flautas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Heitor Villa-Lobos, e com os músicos gaúchos Dudu Sperb, Leandro Maia e Pedro Figueiredo.  
Data: 31 de outubro, quarta-feira  
Local e horário: Salão de Atos da UFRGS, às 15h30min  
Inscrições via agendamento no [site www.museu.ufrgs.br](http://www.museu.ufrgs.br)  
Entrada franca

**SARAU ELÉTRICO - ESPECIAL UNIMUSICA**  
Bate-papo com Antonio Cícero e Paulo Neves, seguido de apresentação de Nico Nicolaiewsky  
Data: 30 de outubro  
Local e horário: Salão de Atos da UFRGS, às 19h  
Entrada franca

## ARTES VISUAIS

### Total presença: desenho



Mostra de obras do acervo artístico da Pinacoteca Barão do Santo Ângelo.

Visitação: de 11 de outubro até 11 de novembro, de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h  
Local: Pinacoteca Barão de S. Ângelo  
Entrada franca

### Visões da Terra

Exposição organizada em parceria entre a Copesul e a UFRGS que transporta os visitantes a uma viagem através de milênios de História, apresentando uma reconstrução ilustrada da evolução do planeta.

Visitação: até dezembro, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h e aos sábados, das 9h às 15h

Local: Museu da UFRGS  
Entrada franca, com agendamento para visitação de escolas e grupos através do telefone 3308-4022

## CINEMA

### Segunda no cinema

Seleção de filmes promovida pela Adufrgs, dentro da programação comemorativa dos 30 anos da entidade.

**MAUÁ, O IMPERADOR E O REI**  
(Drama, Brasil, 1999, 132min.) de Sérgio Rezende  
Cinebiografia de Irineu Evangelista de Souza, o Visconde de Mauá, um dos principais homens de negócios do Segundo Reinado.  
Data: 15 de outubro, segunda-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h  
Entrada franca

### Cinema italiano na UFRGS

Ciclo idealizado pelo Setor de Italiano do Instituto de Letras, que pretende proporcionar maior contato com a cultura e a história italiana, através de uma de suas mais importantes expressões artísticas.

**PREFIRO O BARULHO DO MAR**  
(Drama, Itália/França, 2000, 90 min.) de Mimmo Calopresti  
Durante uma visita à sua terra natal, um bem-sucedido homem de negócios de Turim se sensibiliza com o drama de um garoto, cuja mãe foi assassinada e o pai está preso.  
Filme seguido de debate.  
Data: 26 de outubro, sexta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h  
Entrada franca

## TEATRO



### Margaridas enlatadas

Espectáculo integrante do projeto Teatro, Pesquisa e Extensão. A peça é uma adaptação dos contos *Creme de Alface, Para umaavenca partindo, Os Sobreviventes e Os Dragões não conhecem o paraíso*, de Caio Fernando Abreu. Orientação cênica de Gisela Habeyche.

Elenco: Muriel Santos Vieira, Fernanda Cunha Mandagará Torres e Daniela Gué Martini.  
Apresentações: dias 10, 17, 24 e 31 de outubro, quartas-feiras

Local e horário: Sala Alziro Azevedo, às 12h30min e às 19h30min  
Entrada franca

### Cinema e os direitos da pessoa com deficiência

Ciclo organizado pelo Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência

**O OITAVO DIA**  
(Drama, Bélgica/França/Reino Unido, 1996, 118min.) de Jaco Van Dormael  
Homem com Síndrome de Down e executivo deprimido se encontra acidentalmente e desenvolvem uma amizade especial.  
Data: 22 de outubro, segunda-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 18h  
Entrada franca

### Direitos humanos no cinema

Ciclo promovido pelo Curso de Especialização em Direitos Humanos-ESMPU/UFRGS.

**HOTEL RUANDA**  
(Drama, Estados Unidos/Inglaterra/Itália/África do Sul, 2004, 121min.) de Terry George  
Em meio a um conflito que matou milhares de pessoas, homem abriga refugiados no hotel que gerencia.  
Debatido: professor José Carlos dos Anjos.  
Data: 27 de outubro, sábado  
Local e horário: auditório do Palácio do Ministério Público, às 14h  
Entrada franca

### 10 anos do Jornal da Universidade

Exibição de dois clássicos sobre jornalismo, seguidos de debate.

**TODOS OS HOMENS DO PRESIDENTE**  
(Drama, EUA, 1976, 138 min.), de Alan J. Pakula  
O trabalho de dois repórteres do Washington Post para revelar o escândalo de Watergate, que culminou na renúncia do presidente Nixon.  
Data: 18 de outubro, quinta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h  
Entrada franca

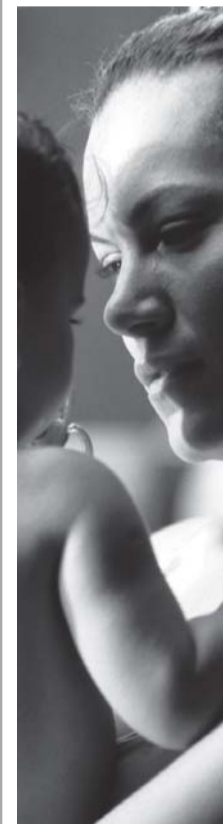


**BOA NOITE E BOA SORTE**  
(Drama, EUA, 2006, 93 min.), de George Clooney  
Âncora da tv americana desafia o senador McCarthy ao desmontar a "Caça às Bruxas" do político em seu telejornal.  
Data: 19 de outubro, sexta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h  
Entrada franca

### III ciclo do GEERGE - Gênero e sexualidade em debate

Mostra promovida pelo Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero da Faculdade de Educação em parceria com a Sala Redenção, que discute a diversidade nas formas de viver os gêneros e as sexualidades.

**O CÉU DE SUELY**  
(Drama, Brasil, 2006, 88min.) de Karim Ainouz  
Jovem decide rifar seu próprio corpo para conseguir dinheiro para as passagens de volta a São Paulo. Ao final da sessão, debate com as professoras da Faced Ruth Sabat e Rosângela Soares.  
Data: 25 de outubro, quinta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min  
Entrada franca



## ESPECIAL

### Debates JU

Atividades comemorativas dos 10 anos do Jornal da Universidade, com entrada franca.

**FORMAÇÃO DO JORNALISTA - PAPEL DA ACADEMIA ÉTICA**  
Convidados: Márcia Benetti (Fabico) e representante do Sindicato dos Jornalistas do RS  
Data: 15 de outubro, segunda-feira  
Local e horário: auditório da Fabico, às 19h

**COMO SE FAZ JORNAL?**  
Convidados: Rodrigo Lopes (subeditor Mundo - ZH) e Ânia Chala (editora JU)  
Data: 16 de outubro, terça-feira  
Local e horário: Plenarinho da reitoria, às 19h

**O TRABALHO DO JORNALISTA ENTRE DOIS MUNDOS: A PESQUISA E A REDAÇÃO**  
Convidados: Lúcia Pires (Caderno Vestibular - ZH)  
Data: 17 de outubro, quarta-feira  
Local e horário: Plenarinho da reitoria, às 19h

### Romance anglo-americano

Atividade de extensão promovida pelo Programa de Pós-graduação em Letras, que exhibe filmes baseados em romances escritos originalmente em língua inglesa. Após as sessões, debate coordenado por professores e pós-graduandos.



**OLIVER TWIST**  
(Drama, Reino Unido/República Tcheca/França/Itália, 2005, 130min.) de Roman Polanski  
Refilagem do clássico de Charles Dickens sobre menino de 10 anos fugitivo de orfanato no interior da Inglaterra. Sozinho e sem dinheiro nas ruas de Londres, ele é explorado por homem sinistro que comanda um grupo de pequenos delinquentes.  
Data: 23 de outubro, terça-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 13h30min  
Entrada franca

**DRÁCULA DE BRAM STOKER**  
(Drama/romance/terror, EUA, 1992, 128min.) de Francis Ford Coppola  
Drácula é um guerreiro que lutava em nome de Deus, mas quando sua amada comete o suicídio, ele renega sua crença e é condenado a rondar o mundo alimentando-se de sangue. Movido pelo amor, vence a morte para encontrar novamente sua amada, ainda que em outra encarnação. Considerado pela crítica especializada como a mais fiel adaptação para o cinema do clássico do escritor irlandês.  
Data: 30 de outubro, terça-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 13h30min  
Entrada franca

## PLANETÁRIO

### Projeto Selene

Programa de observação de planetas e astros notáveis no céu de Porto Alegre através de telescópio. Em caso de mau tempo, a atividade será cancelada.  
Datas: dias 20 e 21, sábado e domingo

Local e horário: pátio do Planetário José Baptista Pereira, logo após o pôr-do-sol  
Entrada franca

## ONDE?

**SALA ALZIRO AZEVEDO**  
Av. Salgado Filho, 340

**SALA REDENÇÃO**  
Av. Paulo Gama, s/nº

**SALÃO DE ATOS**  
Av. Paulo Gama, 110

**PALÁCIO DO MINISTÉRIO PÚBLICO**  
Praça Marechal Deodoro, s/nº - 3º andar

**PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO**  
Rua Senhor dos Passos, 248

**PLANETÁRIO**  
Av. Ipiranga, 2.000

**RÁDIO DA UNIVERSIDADE**  
Rua Sarmento Leite, 426

**AUDITORIUM TASSO CORRÊA**  
Rua Senhor dos Passos, 248 - térreo

## MÚSICA

Série de recitais e apresentações musicais de alunos do Instituto de Artes. As apresentações ocorrem no Auditorium Tasso Corrêa.

**RECITAL DE GRADUAÇÃO EM PIANO DE JESSÉ MARTINS**  
Orientação: Professora Cristina Capparelli  
Data: 11 de outubro, quinta-feira  
Horário: 20h

**RECITAL DE MEIO DE CURSO EM CLARINETE DE DARKSON MAGRINELLI ROCHA**  
Orientação: Professor Augusto Maurer  
Data: 16 de outubro, terça-feira  
Horário: 20h

**SARAU DE ALUNOS**  
Atividade de Extensão coordenada pelas professoras Hella Frank e Flávia Domingues Alves

Data: 18 de outubro (quinta), 12h30min, e 22 de outubro (segunda-feira), 17h30

**RECITAL DE MEIO DE CURSO EM PIANO DE EDUARDO GALIANO KNOB**  
Orientação: Professora Cristina Capparelli  
Data: 19 de outubro, sexta-feira  
Horário: 20h

**RECITAL DE GRADUAÇÃO EM FLAUTA DE KLAUS STEFAN VOLKMAN**  
Orientação: Professor Leonardo Winter  
Data: 24 de outubro, quarta-feira  
Horário: 20h

**RECITAL DA CLASSE DE CANTO E LABORATÓRIO DE EXECUÇÃO VOCAL**  
Orientação: Professora Caroline Abreu  
Data: 26 de outubro, sexta-feira  
Horário: 20h

# Apaixonado pela ciência

Amante da arte, amigo de artistas do calibre de Carlos Scliar, Iberê Camargo, Vítório Gheno e Vasco Prado, e apaixonado pela ciência. Esse é Ellis Alindo D'arrigo Busnello, psiquiatra e professor aposentado da Faculdade de Medicina da UFRGS, que, aos 75 anos, não abandonou uma de suas principais paixões: clínica. De dupla origem italiana, originário de Vêneto e da Toscana, o filho mais novo dos comerciantes João Antônio Busnello e Alinda D'arrigo Busnello, nasceu em Bento Gonçalves, no ano de 1932. Seus primeiros estudos foram realizados com professores particulares e, em 1940, ingressou na 2ª série primária do recém-fundado Ginásio Municipal Nossa Senhora Aparecida, em sua cidade natal. Ao concluir o ginásio, em 1946, Bento Gonçalves passou a ser pequena para os sonhos de Ellis. O jovem queria estudar mais e formar-se em um curso superior. Assim, aos 14 anos, veio para Porto Alegre sozinho, onde foi abrigado por tios que moravam na capital. Viveu com os parentes durante quatro meses e, depois, passou a morar em casas de famílias que alugavam quartos.

Em 1947, Ellis ingressou no curso colegial científico do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, onde aprendeu mais do que os conteúdos de sala de aula. "Era o melhor colégio do estado. Ele foi o meu pré-universitário e me preparou como cidadão", enfatiza.

**Formação multidisciplinar** – De família com forte tendência para a saúde, entre os D'arrigo havia quatro tios farmacêuticos em cidades da Serra gaúcha e um primo médico, Ellis teve na Medicina uma escolha natural para a carreira profissional. Em 1950, inscreveu-se para o vestibular em Medicina, sem muitas expectativas, e em História Natural, pensando em cursar Biologia ou Zoologia. Aprovado em ambos os cursos, na hora de escolher, optou pelos dois. Como na UFRGS não era permitido fazer dois cursos simultaneamente, fez Medicina oficialmente e cursou, entre 1950 e 1953, disciplinas isoladas de Biologia e Zoologia.

Depois de entrar na faculdade, passou a residir num apartamento alugado junto com um grupo de amigos. Em 1955, formou-se em Medicina e, cinco anos mais tarde, cumpriu as exigências do curso de Pós-graduação em Clínica Psiquiátrica da UFRGS, obtendo o título de especialista em Clínica Psiquiátrica. Antes disso, em 1959, foi nomeado médico-clínico interino do Hospital Psi-



## Cultura sem fronteiras

Aos 75 anos, Ellis Busnello faz o que mais gosta: trabalhar

quiátrico São Pedro, começando sua história de trabalho na instituição. No ano seguinte, assumiu a chefia do pavilhão de toxicômanos do São Pedro, continuando no cargo até 1965. Naquele período, realizou uma completa reestruturação do setor, promovendo, entre outras, a organização de Grupos de Alcoólicos Anônimos, visando à reabilitação desses pacientes.

O início de mais uma de suas paixões ocorreu em 1962, quando tornou-se instrutor de ensino voluntário na Faculdade de Medicina da UFRGS. A partir daí, não parou mais de lecionar. "Logo que me formei já tinha o interesse de ensinar, achava que ensinando eu também aprendia e tinha muita vocação para trabalhar com pacientes. Sinto um grande prazer em poder clinicar." Em 1963, começou mais uma etapa de sua formação multidisciplinar, agora na área da psicanálise, no Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, onde se graduou em 1970.

Para Ellis Busnello, a formação em diversas áreas – Psiquiatria, Biologia, Zoologia, Genética e Psicanálise – foi essencial em sua vida. "Assim, pude compreender que as doenças não po-

diam ficar presas a uma única teoria de causa, que elas resultavam de uma interação entre diversos fatores. Hoje, tenho uma visão mais ampla das situações e dos problemas", completa.

**Preocupação com o social** – O mestrado em Saúde Pública e Mental pela *Johns Hopkins University*, dos Estados Unidos, em 1972, indicava a preferência pelo trabalho social e comunitário, evidenciada, dois anos depois, quando foi o introdutor das práticas de saúde comunitária no Brasil. Em 1976, criou uma das primeiras residências médicas em Medicina de Família e Comunidade no país, no Centro de Saúde Escola Murialdo da Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul, trabalho do qual se orgulha muito. "Tive um privilégio na minha vida, fiz o primeiro sistema comunitário de saúde cinco anos antes da Organização Mundial de Saúde programar as unidades básicas nessa área. Na Unidade Sanitária Murialdo, implantamos uma residência de treinamento de médicos de família brasileiros. Eu fazia o atendimento do doente mental na sua casa, na sua comunidade."

O trabalho social, porém, não desviou o foco do trabalho científico. "Sou uma pessoa absolutamente ligada ao social, mas como maneira de encarar o problema. Entendo que se populações inteiras são socialmente maltratadas elas adoecem, mas sei também que a sociedade não adoce sozinha, por si só", observa o professor.

Em 1977, obteve o título de doutor em Ciências e de livre-docente em Psiquiatria pela UFRGS, defendendo a tese *A integração da saúde mental num sistema de saúde comunitária* e, em 1983, assumiu a direção do Hospital Psiquiátrico São Pedro, cargo no qual permaneceu por quatro anos. Durante esse período, destacaram-se as medidas de setorização dos pacientes por critérios, primeiramente, geográficos e, depois, por problemas apresentados. Os estudos que se iniciaram no decorrer de sua gestão levaram à redefinição da política do hospital para o atendimento de seus pacientes internos. Sobre a discussão acerca da necessidade da existência ou não de hospitais psiquiátricos, Ellis tem uma posição definida. "Defendo o São Pedro e sou a favor do grande hospital psiquiátrico de alta sofisticação, habilitado a fazer desde a pesquisa ge-

nética até o tratamento dos traumas psicológicos da pessoa", afirma.

Pela formação diversificada e o trabalho realizado a partir do conhecimento adquirido em outras áreas, o psiquiatra foi criticado por alguns colegas. Isto, no entanto, não mudou seu modo de pensar. "Me considero um psiquiatra, um médico da mente, sem filiação a nenhuma das teorias que sustentam que as causas das doenças psiquiátricas são únicas. Fui muito combatido porque me envolvi em várias áreas. Alguns colegas achavam estranho meu trabalho com psicanálise, diziam que eu tinha abjurado Freud. Eu respondia que não era eu que estava errado, eles é que não estavam pensando abrangentemente", relembra.

Hoje, Ellis Busnello continua dando aulas como professor convidado do Programa de Pós-graduação em Medicina da UFRGS e atendendo pacientes em seu consultório particular. A razão de não ter abandonado a profissão após a aposentadoria é uma só: "Adoro trabalhar", afirma com um brilho nos olhos.

Juliano Tatsch, estudante do 8º semestre de jornalismo da Fabico

Ellis (o sexto aluno, da esquerda para a direita, na primeira fila) no Ginásio Municipal Nossa Senhora Aparecida, em Bento Gonçalves



## A Ciência como filosofia

"Um dos princípios que me norteiam é o de que a ciência tem que ser livre. A liberdade ensina que as pessoas descobrem aquilo que acham que realmente pode ser importante para elas."

"Algumas correntes de pesquisadores dizem que as doenças psiquiátricas são sociais, o que deu origem a essa famosa e bendita teoria antimanicomial, que diz que é a sociedade a responsável pelo problema. Essa idéia é completamente louca e eu sou absolutamente contrário."

"Levar para a ciência a ideologia que se segue prejudica a ciência e faz mal para a ideologia, porque ela começa a se meter em um campo que não é dela. A ciência precisa de liberdade e as pessoas não podem se submeter a padrões."

"Respeito as bases religiosas da minha família e, se eles quiserem dizer que

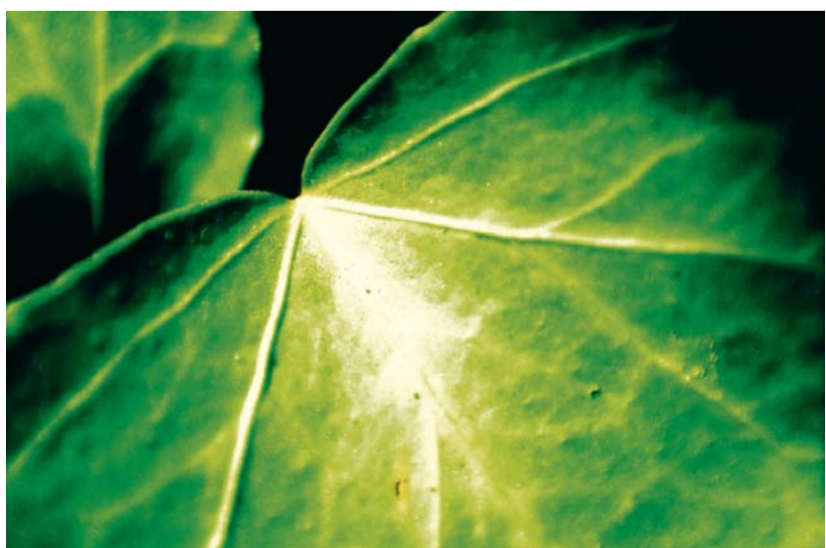
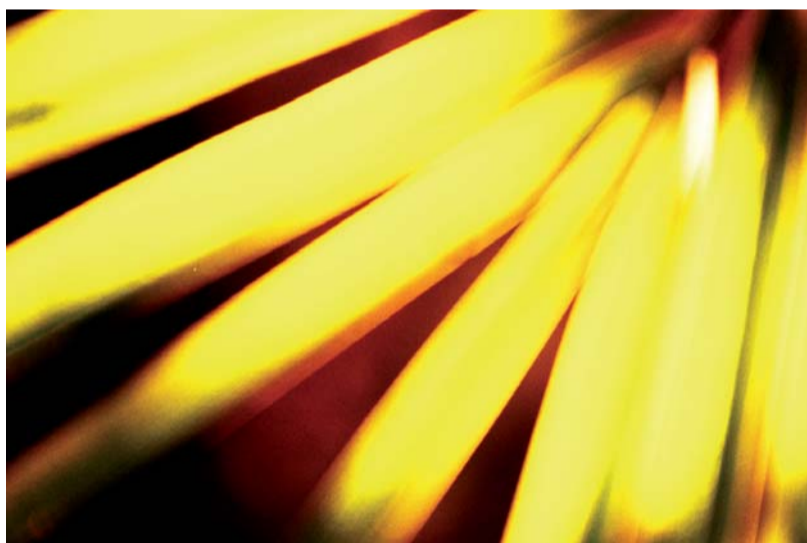
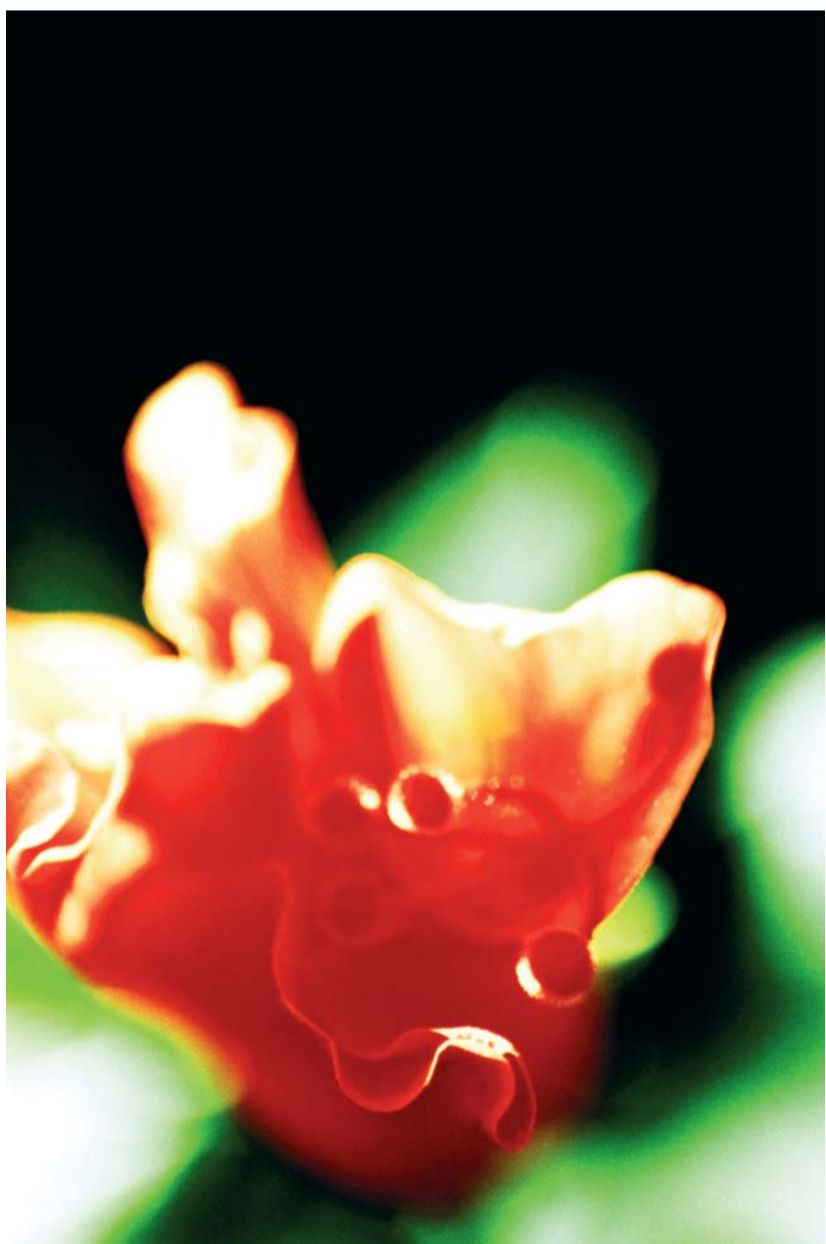
foi Deus quem criou o homem, eu respeito. Mas também admiro o grande progresso que nos faz ver que, dado o fato de que somos uma mente imposta sobre uma matéria, certamente, vamos poder trabalhar na reconfiguração do humano. Espero que não por cientistas loucos ou fanáticos, por alguma ideologia, e sim por cientistas livres e por nações livres que vão realmente criar um homem cada vez mais saudável e sem doenças."

"Quero que as doenças acabem. Digo isso e meus alunos perguntam como eles, médicos, vão ficar se acabarem as doenças. Sem as doenças, eu gostaria que trabalhássemos na construção do homem mais saudável, com mais capacidade de amar, de ler, de fazer literatura, poesia, arte, música, de respeitar as diferenças e as idiossincrasias, com uma vida saudável e com menos capacidade de cometer crimes e maltratar o ser humano".



# Fluorescências

FOTOS E TEXTO LETÍCIA LAMPERT



A idéia central é experimentação. Estudo das possibilidades técnicas da fotografia tradicional e a transgressão delas, na busca de um resultado estético singular, inusitado. A lente é deslocada e invertida. O processo de revelação também. Ao real, à natureza, é conferido caráter quase abstrato, causando certo estranhamento no espectador, que normalmente espera de uma imagem fotográfica a cópia fiel do mundo visível (por mais *irreal* que isto possa ser). O objetivo é quebrar esta lógica, este sentido de cópia do real, ou ao menos jogar com esta questão. É como diz Flusser, sobre a câmera fotográfica: "Enquanto objeto, está programado para produzir, automaticamente, fotografias. Neste aspecto, é instrumento inteligente. E o fotógrafo, emancipado do trabalho, é liberado para brincar com o aparelho".

A brincadeira aqui ultrapassa o aparelho e chega à revelação. Obtidas com filmes tipo *slide*, as imagens foram reveladas em C-41, processo usado para revelar negativos. Essa inversão de processos (conhecido por Processo Cruzado ou *Cross Process*) não é nenhuma novidade ou descoberta, há muito se faz, mas traz sempre consigo algo de surpreendente e lúdico, especialmente para o autor. Não há controle sobre o resultado (para o bem ou para o mal), a surpresa é a única constante. O acaso, elemento intrínseco do ato fotográfico, é mais uma vez permitido, agora não apenas na obtenção, mas também no resultado final.

**Letícia Lampert**, 29, é designer formada pela Ulbra e aluna de Artes Plásticas, ênfase em Fotografia no Instituto de Artes da UFRGS. Seus trabalhos podem ser vistos em [leticialampert.com.br](http://leticialampert.com.br)